



**Coletânea sobre  
Sororidade  
Autocrítica ou  
sobre violência  
entre feministas**



“Não comece rumores sobre outra mulher. Se você ouvir um rumor, não o repasse adiante. Deixe que fique com você... Não é muito legal punir e sabotar outra mulher que você inveja ou teme caluniando ela ou tornando outras mulheres contra ela”

Phyllis Chesler



Uma discussão sobre o problema da Hostilidade Horizontal, Denise Thompson	.....pg.01
Trashing: O lado feio da Sororidade, Jo Freeman	.....pg.13
Ainda Detonando, Rebecca Reilly-Cooper	.....pg.24
Segredos, Chantagens e Rumores... Os Preconceitos. Margarita Pisano	.....pg.30
Poder e Auto-complacência no Movimento de Mulheres, Joanna Russ	.....pg.34
Canibalismo Feminista, Teici Miranda	.....pg.46



# Uma discussão sobre o problema da Hostilidade Horizontal

por Denise Thompson

- Novembro 2003

Este artigo não foi oferecido para publicação ou apresentado verbalmente. Foi escrito em resposta ao pedido de uma amiga sobre minhas próprias idéias sobre a hostilidade horizontal, em um momento em que ela se sentia lutando com esse assunto. Eu me lembro de quando terminei de escrever – março de 1993 – porque datei o texto.

O termo, ‘hostilidade horizontal’, foi cunhado por Florynce Kennedy, em seu artigo de 1970, ‘Opressão Institucionalizada vs. a Fêmea’, impresso na antologia editada por Robin Morgan, “Sisterhood is Powerful” (“A Sororidade é Poderosa”<sup>[1]</sup>, Penelope, 1992: 60). É um termo que data do começo [do Movimento] de Liberação das Mulheres (seja nos EUA ou onde quer que seu artigo tenha sido lido). E se o nome é tão velho quanto a Liberação das Mulheres, o problema é ao menos tão velho, senão mais velho que este.

A Hostilidade Horizontal é uma forma de poder como dominação em meio às mulheres. Por isso o melhor contexto para se discutir é em termos de relações de poder entre mulheres.

O projeto feminista de identificar e desafiar a dominação masculina não significa que somente homens oprimem mulheres, e que mulheres são automaticamente isentas de valores, atitudes e comportamentos supremacistas masculinos, e nunca se comportem mal com outras mulheres. É importante manter em mente o principal inimigo, isto é, a dominação masculina. Mas como a opressão é institucionalizada, e como ela, supostamente, constitui o status quo do mundo, é sempre muito fácil cair em maneiras impensadas de comportar-se que reforçam padrões de dominação.

De qualquer maneira, porque as mulheres são subordinadas e os homens são dominantes sob condições de supremacia masculina, os padrões de dominação típicos das mulheres são sistematicamente diferentes daqueles dos homens, ou seja: são menos diretos, dissimulados, menos visíveis e ativos. O comportamento feminino que reproduz sentidos e va-

lores supremacistas masculinos vai tender também a dar evidência da posição subordinada na qual as mulheres estão atuando, muito embora as ações mesmas envolvam autoengrandecimento às expensas de outra. Por isso hostilidade horizontal entre mulheres tipicamente envolve formas de poder que vêm de uma posição de debilidade e não de força.

Hostilidade Horizontal pode envolver 'bullying'<sup>1</sup> para submeter alguém que é tão desprivilegiada na hierarquia de relações sociais supremacistas masculinas quanto a acusante; pode envolver tentativas de destruir a boa reputação de alguém que tem tanto acesso aos níveis mais elevados de poder quanto aquela que está espalhando o escândalo; pode envolver tornar alguém responsável da opressão de outra pessoa, mesmo que ela também seja oprimida; pode envolver demandas invejosas de que outra mulher pare de usar suas próprias habilidades, porque o sucesso de alguém não mais alto na hierarquia que você mesma 'faz' você se sentir inadequada e sem valor. Ou pode envolver tentativas de silenciar críticas por atacar aquela percebida como tecendo críticas. Em termos gerais, envolve percepções confusas da fonte da dominação, localizando-a em mulheres que não estão se comportando opressivamente (na medida de que não estão, claro). E isso é inspirado por ódio, aquela primeira força motivadora que mantém o motor da supremacia masculina rodando.

Florynce Kennedy foi direto ao cerne da questão quando ela focou sua discussão da hostilidade horizontal no contexto de alguém que consinta com sua própria opressão. Ela não estava argumentando que esse 'consentimento' era a causa da opressão, muito embora ela dissesse que "não pode haver um sistema tão pervasivo de opressão, como o dos Estados Unidos, sem o consentimento do oprimido" (p.492) e ela não queria dizer que se parássemos de consentir o mesmo simplesmente desapareceria. Mulheres não consentem com estupro, por exemplo, mas isso não tem diminuído tal ocorrência. Ela estava consciente de que mulheres não eram responsáveis por sua própria subordinação. Ela porém quis apontar que aquela opressão não era somente coagida ou violentamente forçada, mas que uma ordem social opressiva requeria um certo grau de cumplicidade para sua continuada existência.

---

1 "Bullying" é um anglicismo utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos, causando dor e angústia. Pode ser traduzido como "assédio moral".



A cumplicidade requerida de nós sob condições de supremacia masculina é a cumplicidade na ideologia da debilidade feminina. Mulheres devem ser 'fracas' para que então homens possam ser 'fortes'. A força de homens é adquirida aos custos das mulheres. Esse requerimento ideológico da fraqueza feminina não é contestado no dia-a-dia da realidade falocrática.

Mulheres constantemente resistem à subordinação dos homens de maneira a extrair alguma liberdade de ação e influência própria. Maneiras convencionais de resistir, porém, reforçam ao invés de desafiar o status quo. Derrotar o opressor em seu próprio jogo, por exemplo, deixa as regras do mesmo intactas, mesmo quando uma mulher ocupa a posição mais alta na hierarquia. As perspicácias e seduções femininas inflam o ego masculino ao mesmo tempo em que elas conferem às mulheres benefícios a curto-prazo. Lágrimas e birras ou frieza e afastamento, podem fazer um homem ser mantido sob controle temporariamente, mas ele usualmente possui algum outro lugar para ir uma vez que o mundo é construído em sua própria imagem e semelhança. Mesmo quando uma mulher individual maneja dominar um homem individual ou homens, o que surge não é um relacionamento de igualdade. O papel da mulher 'dominadora' é permitido por dentro da forma falocrática de vida, seja como uma maneira de intimidar mulheres para a subordinação – a 'vadia', a 'histórica', a 'enchedora de saco', a 'fêmea castradora' – ou como uma forma de erotizar a culpa masculina, por exemplo a 'dominatrix' no encontro sexual sadomasoquista. Paradoxalmente a ideologia da fraqueza feminina requer uma grande quantidade de violência para ser mantida. Hostilidade Horizontal é uma técnica desenvolvida pelas mulheres no contexto de resistência ao poder masculino. A intenção é induzir a submissão da outra que é percebida como enormemente poderosa, e, ao mesmo tempo, reforçar a idéia de que mulheres não podem ter poder.

Kennedy a nomeava como 'mulheres sendo utilizadas como agentes dos opressores' (p.493), mas sua discussão sobre hostilidade horizontal, que ela também chamava de 'detonação'<sup>2</sup> (assassinato de reputação), era tentadoramente breve. Ela não dava exemplos

---

2 Nesta edição, decidimos utilizar o termo 'trashing' seguindo tendências de outros grupos de tradutores atuais. Para uma maior discussão sobre a tradução do termo "trashing" confira a nota de rodapé do texto "Detonação: O lado

da ocorrência dela entre feministas. Ela tinha mais a dizer sobre o controle do self, do que sobre as maneiras nas quais tentamos controlar umas às outras. ‘As mulheres’, ela diz, ‘em sua condição de lavagem cerebral consensual frequentemente atuam fora de seu papel de mãe sem receber nenhuma pressão perceptível de ninguém’. Note o uso de ‘perceptível’ (p. 494). Ela, de qualquer forma, se referia à parte jogada pela ‘hostilidade horizontal’ na ‘destruição [...] de alguns grupos políticos radicais e, é triste dizer, de alguns grupos de liberação de mulheres’ (p.495). Ela segue adiante para dizer que tal estratégia faz parte das ‘Técnicas de dividir-e-conquistar do Establishment’:

*“Pessoas oprimidas são frequentemente bem opressivas quando primeiramente liberadas. E porque não deveriam ser? Elas conhecem bem ambas posições. É o pé de alguém no seu pescoço ou o pé delas no pescoço de alguém... mesmo se estas se agrupam juntas na atmosfera fria e úmida da sua recém descoberta libertação... mulheres... muitas vezes se chocam umas com as outras antes de aprender a compartilhar e disfrutar sua recém descoberta liberdade (pp. 495-6).”*

Suas sugestões de solução são também breves e não-elaboradas. Ela diz:

*“Para evitar esses efeitos destrutivos da hostilidade horizontal, as mulheres necessitam de um despertar político e/ou social mínimo da patologia do oprimido quando confrontadas pelos especialistas do ‘dividir-e-conquistar’” (p.495).*

Ela também sugere abster-nos de nos enfurecer com indivíduos, e ao invés disso, dirigir nossa raiva a alvos mais apropriados, isto é, aos sistemas e às instituições ao invés de pessoas.

“Chutar o balde” – ela diz, “deveria ocorrer apenas onde há um balde protegendo o Sistema” (p.499). Esse comentário mostra que ela estava consciente que suas sugestões de solução não eram perfeitas, uma vez que as instituições funcionam por meio de ações, atitudes e compromissos de indivíduos. Contudo, suas recomendações servem como um alerta para mantermos em mente o inimigo principal. E apesar da brevidade de sua explicação,

---

sombrio da sororidade” que integra esta coletânea. [Nota da revisão da 2ª edição]

está claro que ela considerava a hostilidade horizontal como uma forma de ‘poder’ recriado por mulheres contra mulheres sempre servindo aos interesses do opressor e trabalhando contra os interesses das mulheres. Neste sentido, era uma recriação dos padrões adquiridos de comportamentos dominantes como resultado de sua participação na realidade falocrática.

Julia Penelope está em pleno acordo com Florynce Kennedy. Ela também analisa tal fato como uma forma de consentimento para opressão. Ela se refere a isso como ‘opressão internalizada’, e descreve como:

*“Hostilidade Horizontal é o melhor método do heteropatriarcado para nos manter em ‘nossos devidos lugares’. Nós fazemos o trabalho dos homens e suas instituições por eles (...). [A hostilidade horizontal] nos faz direcionar nossa raiva – que surge de nossa condição marginal e subordinada no heteropatriarcado e que deveria ser dirigida aos nossos opressores – à outras Lésbicas e mulheres, porque sabemos que é mais seguro (...). [Ela] funciona para garantir nossa continuada vitimização dentro dos nossos próprios grupos e nos mantêm silenciadas quando a maioria de nós queremos falar; nos mantêm passivas quando a maioria queria desafiar, porque não queremos ser o alvo da raiva de outra Lésbica.” (Penelope, 1992: 60).*

## **Insultos**

Uma das formas de hostilidade horizontal discutidas por Penelope é o insulto. Ela diz que o insulto é ‘um substituto medíocre à análise racional’ (p65). Ela pontua que chamar alguém de algo é fácil: fácil de fazer, fácil de acreditar e fácil de lembrar, porque, como ela diz, ‘não requer absolutamente nenhuma reflexão, nenhuma análise, e nenhuma justificação’ (p.69). Rotular as outras como ‘Nazis’, ‘fascistas’, ‘racistas’, ‘etaristas’, ‘classistas’, ‘polícia sexual’, ‘puritanas’, ‘moralistas’, etc; é algo perigoso se for bem sucedido em se conseguir o que se pretende, isto é, intimidar aquelas rotuladas para que fiquem em silêncio e minar qualquer desafio ou debate. Aquelas que acreditam que esses nomes dizem algo correto sobre aquelas que foram rotuladas, sem pensar sobre o que essas palavras significam ou sem perguntar por comprovação ou evidência, também participam em hostilidade horizontal,

mesmo se estas pessoas não são as originais rotuladoras. O xingamento busca destruir a boa reputação daquelas pessoas rotuladas, controlar seus pensamentos e ações, e aterrorizá-las para que fiquem em silêncio. Trivializa os verdadeiros horrores do facismo, racismo, opressão classista e supremacia masculina; e diminui as agonias daquelas e daqueles que sofreram sob esses regimes. Além de embaçar distinções importantes entre, por um lado, aqueles que como supremacistas brancos, neo-Nazis, supremacistas masculinos, violadores, etc., advogam, glorificam e praticam violência e comportamento desumanizante sobre aqueles que esses definem como ‘inferiores’, e aquelas de nós que, por outro lado, podem reter atitudes racistas, etc. a despeito das nossas melhores intenções. E estabelece distinções preconceituosas entre nós mesmas ao enfatizar opressões que nos dividem ao mesmo tempo que exclui a opressão que temos em comum como mulheres e lésbicas.

### **Sentimentos não são o suficiente**

Outro tipo de hostilidade horizontal que Penelope discute é o uso de ‘predicados psicológicos’<sup>3</sup>. Esses são formas de uso de linguagem que descrevem como nos sentimos e reagimos frente às demais, de uma maneira que atribui a fonte desses sentimentos a alguém. Dizer que alguém é ‘intimidante’ por exemplo, Penelope diz, ‘requer a experiência do sentimento específico nomeado pelo verbo para descrever a si mesma como um objeto a ser modificado pelo comportamento ou atitude de alguém’ (p. 73). O uso de predicados psicológicos permite à denunciante evitar a responsabilidade pelos seus sentimentos e pôr essa responsabilidade em alguém. Também permite atribuir intenções à suposta ‘intimidadora’ que esta pode não ter, e acusá-la de dominação que ela pode não querer, e clamar a visão da denunciante como a única interpretação possível. Falar sobre esse processo em termos de uso de linguagem, Penelope diz, não é negar a realidade de nossos sentimentos. É, ao invés disso, alertar-nos de que é sempre fácil culpar outras e acusar falsamente – a linguagem é construída para isso. Penelope comenta que o uso de tal linguagem ‘mantém a ficção heteropatriarcal de que somos emocionalmente dependentes’ (ibid.). Eu acrescentaria que isso também reforça a crença de que somos fracas, desprotegidas e completamente à

---

<sup>3</sup> Predicado: (latim *praedicatum*, neutro de *praedicatus*, -a, -um, particípio passado de *praedico*, -are, afirmar, pressupor, proclamar, publicar, louvar, pregar) propriedade característica, atributo, qualidade.

mercê de outros todo-poderosos. É exatamente porque tal desproteção tende a ser defendida que tendemos a atacar para aniquilar aquelas que percebemos como a fonte dessa sensação. É esse senso de desproteção que é a verdadeira fonte da hostilidade horizontal. Isso é sugerido pelo que Vera Ray discute em seu artigo 'Uma investigação da violência em relações de casais Lésbicos'. (Ray, 1991). Ela diz que, muito embora haja similaridades entre o abuso de mulheres por homens em relações heterossexuais e a violência em relações lésbicas, há entretanto uma diferença crucial. O homem usa a violência para manter e reforçar sua dominação na relação, enquanto a agressora lésbica usa violência para 'equalizar' o que ela percebe como um desbalance de poder. Ela se percebe como 'fraca' e sua parceira como 'forte', a atacando de maneira a destruir aquela 'força' que ela (errôneamente) sente que é a fonte de sua própria 'fraqueza'. Isso não desculpa a violência, como aponta Vera. Ninguém 'merece' ser agredida. Mas isso indica que a violência entre mulheres origina-se na debilidade e não na força. Como Vera coloca, nesses exemplos mulheres 'são corrompidas por um senso de falta de poder' (p.46). A mesma observação foi feita por Joanna Russ em seu artigo 'Poder e Autocomplacência no Movimento de Mulheres'<sup>4</sup> (Russ, 1985). Neste artigo, Russ critica o que ela chama de 'o grande Imperativo Feminino', isto é, a expectativa de que 'mulheres façam as outras pessoas sentirem-se bem, que supram as necessidades dos outros sem ter nenhuma necessidade própria' (p.43). Ela descreve como esse imperativo é reforçado em mulheres por outras mulheres por meios da dita "síndrome da "Mamãe Mágica/Irmã trêmula". Uma 'Irmã trêmula' (IT), ela diz, é uma mulher que abraçou sua própria impotência e incapacidade de maneira a evitar a culpa intrinsecamente relacionada à satisfação de suas próprias necessidades, ao exercício de suas próprias habilidades e ao alcance seu próprio sucesso. Uma IT elevada ao status de 'Mamãe Mágica' (MM) seria uma mulher que alcançou algo que a IT foi incapaz de alcançar. A IT culpa a MM pelos sentimentos ruins que ela tem sobre sua própria falta de conquistas e demanda que a MM tome conta de seus sentimentos feridos e tome conta dela. Uma vez que isso é impossível, a IT se torna enfurecida e detona a MM. A MM, que poderia estar inconsciente de seu estatus 'mágico', cai na cilada caso aceite a visão da IT. Ela se torna uma MM ao reagir com culpa, ao tentar abrandar os sentimentos feridos [da IT], ao desculpar-se ou desprezar seus próprios ganhos e ao comprometer-se a ajustar tudo e fazer todo mundo se sentir bem. Dada a impossibilidade disso, sua resposta real é medo e

4 O texto "Poder e Autocomplacência no Movimento de Mulheres" de Joanna Russ integra esta coletânea mais à frente. [Nota da revisão da 2ª edição]

paralisia face aos permanentes gritos de raiva da IT.

Russ sugere que o caminho para sair do círculo vicioso de culpa, auto-recriminação e paralisia para as mulheres é reclamar nossas próprias conquistas e valor próprio. A IT precisa se dar conta que, embora seus sentimentos de desolação podem ser resultado de relações de poder fora do seu controle, eles também podem não ser. Ela precisa aprender que ela retém sua própria agência moral mesmo sobre condições de opressão (para usar o conceito desenvolvido por Sarah Hoagland, 1988), e que há ainda algumas coisas que ela pode fazer, que ela ainda tem alguma responsabilidade, mesmo que sua liberdade de ação é constrangida por condições objetivas.

Ela precisa aprender que atribuir enormes quantidades de poder à outra mulher é uma ilusão, assim como seu sentido de que ela mesma é completamente desamparada também é uma ilusão. Ela precisa aprender que o oprimido também pode ser opressivo. Não apenas a oprimida pode participar, ainda que minimamente, dos estatutos e privilégios dos dominantes às custas de outras oprimidas, mas também oprimidas possuem maneiras de manipular os dominantes. A IT precisa evitar usar essas técnicas contra outras mulheres: técnicas de dissimulação vitimista, de birras, de exigir que alguém resolva seus problemas para ela e que alguém priorize seus sentimentos feridos em detrimento de projetos próprios.

A MM, por outro lado, precisa aprender que ela não é infinitamente disponível, incomensuravelmente suportiva, eternamente paciente, ou seja, que ela não é a 'mamãe' de ninguém (no sentido supremacista masculino de absoluto auto-sacrifício). Ela também precisa aprender que, como Russ coloca, 'sentimentos de culpa não automaticamente significam que ela pode ser culpada de tudo, ou mesmo de qualquer coisa que seja, e deve portanto fazer reparação por meio de colocar tudo em ordem. A culpa é tão endêmica na população feminina, e funciona tão nitidamente para manter mulheres a serviço dos homens, que ela pode simplesmente estar reagindo dentro do padrão senso comum para mulheres. Neste caso, desde que não há nada para corrigir, ela deve simplesmente lidar com os sentimentos de culpa até eles irem embora.

## Como reconhecer Hostilidade Horizontal

É importante distinguir entre hostilidade horizontal e criticismo genuíno, porque o criticismo é geralmente confundido com hostilidade. Enquanto que o criticismo infundado é destrutivo e paralisante, o criticismo é ainda assim necessário se o feminismo quer continuar crescendo, desenvolvendo-se e mantendo-se relevante e não degenerar-se em um dogma papagaiano. Enquanto o feminismo necessita do criticismo, ele não precisa do terrorismo irracional da hostilidade horizontal. Enquanto ambos podem se sentir danosos e humilhantes, a hostilidade horizontal é duramente cruel, não tendo outra motivação que não seja a de ferir. É uma punição cega e transformação em bode expiatórias daquelas que estão acessíveis pois não são tão diferentes em poder e privilégio. Criticismo, por outro lado, não possui a intencionalidade de ferir, mas de elucidar e de pontuar a verdade da questão. O criticismo é considerado e atencioso. Ele envolve um intento genuíno de trabalhar o que está sendo feito, e mostra consideração pela outra por meio de não ser intencional e cruelmente ofensivo e é, portanto, caracterizado por uma discussão considerada, bem pensada e substancial. Embora não seja sempre possível, especialmente no calor do momento, o criticismo é até o último momento sincero nas questões que coloca. Não é uma competição sobre quem está certa e quem está errada, sobre quem vence e quem perde. Ao invés disso, o criticismo está preocupado em desvendar a verdade, e está oposto às mentiras, segredos, silêncios, trapaças e rumores sem substância. Não é necessário ter tudo ordenadamente trabalhado antes de expressar dúvidas. Mas é vital perguntar para saber e avaliar as reações de uma pessoa. É importante se perguntar questões como: Estou me sentindo ameaçada pelo que ela está dizendo? E no caso afirmativo, por quê? Estou justificada em me sentir incomodada? Qual é a fonte de meu desconforto? Há suficientes evidências? Etc.

Algumas vezes as questões vão ter respostas imediatas. Mas reservar julgamentos é também uma forma de criticismo e uma maneira de se recusar a engajar em hostilidade horizontal.

Enquanto criticismo é caracterizado por uma busca cuidadosa do sentido do que está sendo dito, a hostilidade horizontal é sem sentido, porque a informação contida em um nome ofensivo é muito vaga. O quê significaria, por exemplo, chamar outra feminista de 'racista'

ou 'classista' ou 'fascista', sem ir além em justificar e dar razões? A palavra 'fascista' tem algum significado aplicado a outra mulher, dada a história do fascismo e os males perpetrados sob sua influência? A acusadora deve ter claro em sua mente o significado dos termos que ela aplica a outra mulher, e a forma particular ou as formas nas quais a acusada foi ofendida. É melhor permanecer em silêncio, que ganhar uma vitória fácil sobre outra mulher que provavelmente já tem um vasto estoque de culpa para acionar.

Deve ser assumido que essas recomendações são relevantes não somente para aquelas com treinamento em pensar, argumentar e raciocinar, isto é, aquelas com educação terciária. Mas podemos todas pensar. Não é uma técnica confinada às instituições do 'alto saber'. Todas podemos também conhecer nossas próprias mentes. Podemos todas separar verdade de falsidade, o inimigável do amigável, o que é meramente confuso ou ignorante daquilo que é deliberadamente errado. Um bom argumento não é necessariamente um sofisticado e complexo. Todas podemos dar razões pelo que fazemos, mesmo se não estamos inicialmente conscientes das razões e que tome algum tempo para encontrá-las. Todas somos capazes de entender que cometemos erros, reconhecendo-os e aprendendo com eles. Todas somos capazes de decidir se há ou não suficiente evidência e de reservar julgamento até que possamos fazer um que seja embasado. Todas somos capazes de substanciar o que falamos, e de confirmar nossas asserções com evidências. Também somos capazes de respeitar a boa reputação de cada uma. Somos todas capazes de examinar nossos próprios motivos.

Longe de ser o caso de que essas habilidades estejam confinadas a uma elite pequena, é vitalmente importante que todas feministas as desenvolvam. O fracasso em fazê-lo nos manterá na cilada dos jogos de poder da ideologia supremacista masculina.

### **Como evitar Hostilidade Horizontal**

Por 'evitar hostilidade horizontal', eu não quero dizer encontrar maneiras de evitar ser submetida a isso, ou proteger alguém de ser submetida a isso. Já que a origem dela não é dependente de suas atitudes, não há nada que possa fazer para evitar que aconteça. Se não é meu comportamento, a decisão de se engajar ou não não é minha. Há, é claro, numero-



sas maneiras com as quais eu posso reagir uma vez que isso aconteceu e essas maneiras podem ser mais ou menos apropriadas, mas ou menos deliberadas e mais ou menos empoderantes. Eu posso reagir com vergonha ou culpa e permitir que isso me silencie; ou posso aceitar as coisas negativas ditas sobre alguém sem pensar e sem perguntar por verificação e evidência. Ou podemos engajar em batalhas verbais que podem terminar ou não em uma inimizade de longo termo e recusa em nunca mais falar uma com a outra novamente. Alternativamente, a batalha pode acabar com uma convencendo a outra ou com um acordo em discordar. Ou pode ser amigável, desapegado, respeitoso e razoável, o que requer que a outra dê suas razões pelo que ela está dizendo, e analize as razões para uma uma melhor compreensão por parte da outra. Na ausência de razões adequadas que justifiquem o que estou sentindo, eu posso suspender o julgamento a menos que haja suficiente evidência. Mas se a razão falha em convencer, nada mais vai funcionar. Se eu não posso parar outras de serem hostis, eu posso recusar a me engajar em hostilidade horizontal. Eu posso tomar cuidado para não cair em padrões automáticos e impensados de dominação. Eu posso me perguntar como Julia Penelope diz, se eu realmente quis dizer o que eu disse ou se o que eu digo é verdade. Eu posso me perguntar quais são minhas motivações: estou buscando apenas machucar, humilhar e destruir, ou estou defendendo o que eu acredito, tentando alucidar coisas e tentando sintonizar a conversa? Eu respeito a outra mesmo se eu discordo dela, mesmo se eu sei (ou eu penso que sei) que ela está errada?

Precisamos estar aptas para decidir o que é hostilidade horizontal e o que não é. Precisamos exercitar com muito cuidado a habilidade de discernir comportamentos que podem ser justificadamente identificados como opressivos, abusivos ou dominantes dos quais não são. O processo de discernição requer auto-conhecimento, habilidade de se refletir sobre problemas e um certo grau de desapego de sentimentos como raiva, humilhação e vingança. Também requer auto-respeito e respeito pelas demais. E isso requer a rejeição da violência, física ou verbal no endereçamento de desbalanços de poder percebidos. A tarefa crucial nesse contexto é desenvolver maneiras de decidir quando estamos justificadas em perceber outras mulheres como comportando-se opressivamente e quando elas não estão, e de discernir os métodos apropriados e inapropriados de lidar com aquele comportamento. Acima de tudo, envolve identificar supremacia masculina como o inimigo principal e reconhecer que os valores e significados desta ordem social são o status quo a menos que

estejamos conscientemente comprometidas na sua recusa.

\*\*\*

## Referências

Hoagland, Sarah (1988) *Lesbian Ethics: Toward New Value* Palo Alto, CA: Institute of Lesbian Studies.

Kennedy, Florynce (1970) 'Institutionalized Oppression vs. the Female', in Morgan, R., ed. *Sisterhood Is Powerful* New York: Vintage Books/Random House

Penelope, Julia (1992) 'Do We Mean What We Say? Horizontal Hostility and the World We Would Create', in Penelope, J., *Call Me Lesbian: Lesbian Lives, Lesbian Theory* Freedom, CA: The Crossing Press

Ray, Vera (1991) 'An Investigation of Violence in Lesbian Dyadic Relationships' *Journal of Australian Lesbian Feminist Studies* 1(1), pp.40-48

Russ, Joanna (1985) 'Power and Helplessness in the Women's Movement', in Magic Mommas, *Trembling Sisters, Puritans and Perverts* Trumansburg, NY: The Crossing Press

*(Tradução por [hembrista@riseup.net](mailto:hembrista@riseup.net), revisão [conori-rise@riseup.net](mailto:conori-rise@riseup.net) )*

# Detonação<sup>1</sup>: O lado sombrio da Sororidade

Jo Freeman, 1976.

*O Movimento de Liberação das Mulheres não foi somente pão e rosas. Este artigo explora o destrutivo fenômeno do "trashing" (detonação): ataques pessoais e assassinato de reputação de outras mulheres do Movimento. Jo Freeman foi a editora de "A Voz do Movimento de Liberação das Mulheres", que foi o primeiro jornal americano do Movimento. Ela também foi membra do Grupo Westside, um dos primeiros grupos de Liberação de mulheres dos EUA.*

*Este artigo foi escrito para a revista Ms. e publicado na edição de Abril de 1976, pg. 49-51, 92-98. Ele atraiu mais cartas das leitoras que qualquer outro artigo anteriormente publicado na Ms., quase todas relatando suas próprias experiências de terem sido detonadas<sup>1</sup>. Algumas delas foram publicadas na edição subsequente de Ms.*

---

1 Decidimos traduzir o termo inglês "trashing" nessa coletânea para Detonação. Embora seu uso já foi de certo modo difundido nos movimentos sociais, acreditamos ser bom fugir dos anglicismos. "Trash" vem de lixo, de transformar a pessoa em lixo, destruí-la, "rachá-la", seria um "bullying" que ocorre especificamente nos movimentos sociais que envolve assassinato de reputação, exposição, difamação demonizadora por meio de rumores, e ostracismo político punitivista, muitas vezes sem justificativa real ou desproporcional ao eventual erro cometido pela pessoa, que as vezes não é averiguado e consiste em uma distorção ou calúnia deliberada. Preferimos não traduzir o termo como "linchamento" já que este pressupõe existência de violência física. [Nota da revisão da 2ª edição].

Faz bastante tempo desde que eu fui detonada. Eu fui uma das primeiras no país, talvez a primeira em Chicago, a ter minha reputação, meu comprometimento e meu próprio eu atacado de tal maneira pelo Movimento de mulheres que me deixou arrasada, em pedaços e incapaz de funcionar. Levou anos para que eu me recuperasse, e mesmo hoje as feridas não estão totalmente curadas. Desde então eu ando pelas margens do Movimento, nutrindo-me dele porque preciso, mas com muito medo para lançar-me profundamente mais uma vez. Eu sequer sei do que tenho medo. Sigo dizendo a mim mesma que não há razão para que isso aconteça novamente – se eu for cautelosa – mesmo assim no fundo da minha mente há uma certeza pervasiva e irracional que diz que, se eu der minha cara a tapa, serei novamente um alvo fácil para hostilidade.

Por anos eu vim escrevendo esse lengalenga na minha cabeça, usualmente como uma fala para uma audiência imaginária do Movimento de Mulheres. Mas eu nunca pensei em me expressar publicamente porque eu tenho sido uma forte adepta de não lavar as roupas sujas do Movimento em público. Estou começando a mudar de idéia.

Antes que tudo, tanta roupa suja vem sendo publicamente exposta que eu duvido que o que eu tenha para revelar vá adicionar muito à pilha. Para aquelas mulheres que são ativas no Movimento, não é nem sequer uma revelação. Segundo, tenho observado por anos com crescente pesar o Movimento destruindo conscientemente qualquer uma dentro dele que se destaque de alguma forma. Eu tive esperanças de que essa tendência auto-destrutiva poderia definir com o tempo e com a experiência. Deste modo eu me simpatizei e apoiei mas não falei muito sobre as muitas mulheres cujos talentos foram perdidos para o Movimento porque suas tentativas de usá-los foram recebidos com hostilidade. Conversas com amigas em Boston, Los Angeles e Berkeley que foram detonadas em 1975 convenceram-me de que o Movimento não aprendeu com sua experiência irrefletida. Pelo contrário: a detonação foi tomando proporções epidêmicas. Talvez então, trazer isso pra fora do armário possa aliviar a atmosfera pesada.

Que seria a “detonação”, esse termo que expressa tanta coisa, embora explique tão pouco? Não é desacordo, não é conflito, não é oposição. Estes são fenômenos perfeitamente comuns que, quando mutuamente entrelaçados, honesta e não excessivamente, são necessários para manter um organismo ou uma organização saudável e ativa. A “detonação” é uma forma viciosamente cruel de assassinato de reputação que equivale ao estupro psicológico. É manipulador, desonesto e

excessivo. É ocasionalmente disfarçado pela retórica do conflito honesto, ou encoberto por meio da negação de que exista qualquer reprovação. Mas não é algo feito para expôr desacordos ou resolver diferenças. É feito para depreciar e destruir.

Os meios variam. A detonação pode ser feita privadamente ou em uma situação de grupo; na cara ou pelas costas; por meio de ostracismo ou denúncia pública. A detonadora pode lhe dar falsos relatos do que as outras pessoas pensam (coisas horríveis) de você; pode contar às outras falsas histórias do que você pensa delas; pode interpretar qualquer coisa que você diga ou faça da forma mais negativa; pode projetar expectativas irreais sobre você de modo que caso você falhe em alcançá-las, você se torna um alvo 'legitimado' para a raiva; pode negar sua percepção da realidade; ou pode fingir que você não existe. A detonação pode ocorrer até mesmo de forma velada nas novas técnicas grupais de criticismo, reflexão, mediação, e terapia. Quaisquer que sejam os métodos usados, a detonação envolve a violação de integridade, declaração da inutilidade e contestação dos motivos de uma pessoa. Com efeito, o que é atacado não são as ações ou as ideias de alguém, mas sim o próprio indivíduo.

Esse ataque é realizado por meio de tornar sua mera existência prejudicial ao Movimento e que nada se pode fazer para mudar tal fato. Estes sentimentos são reforçados quando você é isolada de suas amigas assim que elas se convencem de que a associação com você também é prejudicial ao Movimento e a elas mesmas. Qualquer apoio a você irá amaldiçoá-

las. Eventualmente todas suas colegas irão juntar-se a um coro condenatório que não pode ser silenciado, e você será reduzida a uma mera paródia do seu eu prévio.

Três detonações da minha reputação foram necessárias para eu me convencer a cair fora. Finalmente, no fim de 1969, eu me senti psicologicamente estraçalhada ao ponto de saber que não poderia seguir em frente. Até então eu interpretei minhas experiências como resultantes de conflitos de personalidade ou divergências políticos que eu poderia corrigir com tempo e esforço. Mas quanto mais eu tentava, pior as coisas ficavam, até que eu finalmente fui forçada a encarar a realidade incompreensível de que o problema não era o que eu fazia, mas o que eu era.

Isso era comunicado tão sutilmente que eu nunca encontrava alguém com quem falar a respeito. Não haviam grandes confrontações, apenas muitos pequenos desdêns. Cada um individualmente era insignificantes mas no conjunto eram como chicotadas. Eu era gradualmente ostracizada: se um artigo coletivo era escrito, minhas tentativas de contribuir eram ignoradas; se eu escrevia um artigo, ninguém o leria; quando eu falava em encontros, todo mundo escutava educadamente e então seguia a discussão como se eu não tivesse dito nada; datas de reuniões eram alteradas sem que eu fosse avisada; quando era minha vez de coordenar um projeto de trabalho, ninguém ajudava; quando eu não recebia correspondências, descobri que meu nome não estava na lista de endereços do grupo, me diziam apenas

que eu olhei no lugar errado. Meu grupo decidiu certa vez fazer uma campanha de arrecadação de fundos para enviar pessoas para uma conferência até que eu disse que gostaria de ir, e então foi decidido que todas pessoas iriam por conta própria (pra ser justa, uma membra me ligou mais tarde querendo contribuir com 5 dólares pra minha passagem e me pediu que não contasse a ninguém. Ela foi detonada alguns anos depois).

Minha resposta a isso foi o espanto. Eu senti como se eu estivesse perambulando de olhos vendados em um campo cheio de objetos cortantes e buracos profundos enquanto me asseguravam de que eu poderia ver perfeitamente e que estava em um gramado macio e verde. Era como se eu tivesse entrado inadvertidamente em uma nova sociedade, regida por regras que eu não conhecia, e nem poderia conhecer. Quando eu tentei fazer com que meu(s) grupo(s) discutissem o que eu pensava que estava acontecendo comigo, elas simplesmente negaram minha percepção da realidade dizendo que nada estava fora do comum, ou relativizaram os incidentes como triviais (individualmente eles eram). Uma mulher, em conversa privada por telefone, admitiu que eu estava sendo maltratada. Mas ela nunca me apoiou publicamente, e admitiu honestamente que nunca o fizera pois temia perder a aprovação do grupo. Ela também havia sido detonada em um outro grupo.

Mês após mês a mensagem estava sendo martelada: saia! O Movimento estava dizendo: cai fora, caia fora! Um dia eu me encontrei confessando para a minha colega de quarto

que eu não acreditava que eu existia; que eu era um fragmento da minha própria imaginação. Foi quando eu percebi que era o momento de sair. Minha saída foi bem silenciosa. Eu contei a duas pessoas, e deixei de ir ao Centro de Mulheres. A reação das pessoas me convenceu de que eu tinha lido a mensagem corretamente. Ninguém me ligou, ninguém me mandou nenhuma carta, nem sequer falaram do assunto. Metade da minha vida foi anulada, e ninguém percebeu, a não ser eu mesma. Três meses chegou-me a informação de que eu tinha sido denunciada pela União da Libertação das Mulheres de Chicago por eu ter permitido ser citada em uma notícia sem a permissão delas, isso tudo depois que eu deixei o Movimento. Isso foi tudo.

A pior parte disso tudo foi que eu realmente não sabia por que eu estava tão profundamente afetada. Eu sobrevivi crescendo em um subúrbio bastante conservador, conformista e machista, onde meu direito à minha própria identidade estava constantemente sob ataque. A necessidade de defender meu direito a ser eu mesma me fez mais dura, não despedaçada. Os meus calos foram fortalecidos pelas minhas experiências em outras organizações políticas e movimentos, onde eu aprendi a usar a retórica e a argumentação como armas na luta política, e como identificar conflitos pessoais mascarados como políticos. Tais conflitos eram usualmente mascarados como impessoais, como ataques às ideias

de alguém, embora não fossem produtivos, eles não eram tão destrutivos como aqueles que eu vi tempos depois no movimento feminista. Idéias podem ser repensadas após terem sido atacadas porém, é muito mais difícil se repensar a própria personalidade. O assassinato de reputação era usado ocasionalmente, mas não era considerado legítimo, e era portanto limitado tanto em extensão como em efetividade. Como as ações das pessoas contavam mais que suas personalidades, tais ataques não resultavam tão facilmente em isolamento. Quando eles foram utilizados, apenas raramente causavam dano.

Mas o movimento feminista conseguiu me afetar. Pela primeira vez na minha vida, eu me encontrei acreditando nas coisas horríveis que as pessoas estavam dizendo sobre mim. Quando eu fui tratada como merda, eu interpretei isso como significando de que eu realmente era uma merda. Minha reação ao maltrato que me davam me deixava ainda mais insegura à medida que a comparava à minha experiência de vida. Sobrevivi até certo ponto ileso à minha criação, por que eu iria sucumbir agora? A resposta demorou anos para chegar. E é uma resposta dolorida porque ela admite uma vulnerabilidade da qual pensei que eu tivesse escapado. Eu sobrevivi à minha juventude porque eu nunca dei a nenhum grupo o direito a me julgar. Esse direito eu reservei à mim mesma. Mas o Movimento me seduziu com sua doce promessa de sororidade. Prometeu-me um paraíso contra as devastações da sociedade sexista; um lugar onde eu poderia ser compreendida. Foi a

minha própria necessidade por feminismo e feministas que me fez vulnerável. Eu conferi ao movimento o direito de me julgar porque eu acreditei nele. E quando ele me julgou inútil, eu aceitei esse julgamento.

Por pelo menos seis meses eu vivi em um tipo de desespero entorpecido, internalizando completamente minha falha como uma questão pessoal. Em junho de 1970, eu me encontrei em Nova Iorque por coincidência coincidentemente com outras feministas de quatro cidades distintas. Nós nos reunimos uma noite para uma discussão geral sobre o estado do Movimento, e ao invés disso nos encontramos discutindo o que aconteceu conosco. Tínhamos duas coisas em comum: todas tínhamos ampla reputação no Movimento, e todas havíamos sido detonadas. Anselma Dell'Olio nos leu uma fala chamada "Divisionismo e Auto-Destruição no Movimento de Mulheres" que ela recentemente havia feito para o Congresso Para União das Mulheres como resultado de sua própria experiência com detonação.

*"Eu aprendi... há anos que as mulheres sempre estiveram divididas, umas contra as outras, auto-destrutivas e preenchidas com uma fúria impotente. Eu pensei que o Movimento poderia mudar tudo isso. Eu nunca sonhei que eu veria o dia em que essa fúria, mascarada como um radicalismo pseudo igualitário, seria usado dentro do Movimento para*

*derrubar irmãs e puni-las... eu estou me referindo... aos ataques pessoais, tanto os declarados quanto os insidiosos, aos quais foram submetidas as mulheres no Movimento que com dificuldades maneжaram algum grau de reputação. Estes ataques tomam diferentes formas. A mais comum e difundida é o assassinato de reputação: a tentativa de minar e destruir a crença na integridade de uma indivíduo sob ataque. Outra forma é o expurgo. A última tática é a isolamento... E quem elas atacam? Geralmente duas categorias... realizações ou ganhos de qualquer tipo podem ser vistos como o pior crime: ... faça qualquer coisa... que qualquer outra mulher intimamente acredite que ela poderia ter feito - e... você se torna o alvo. Se então... você for assertiva, tem o que é geralmente descrito como uma 'personalidade forte e se você não se encaixar no estereótipo convencional de uma mulher 'feminina'... está tudo acabado. Se você está na primeira categoria (a que possui realizações), você imediatamente é rotulada como uma oportunista, uma mercenária cruel, fazendo sua fama e fortuna em cima dos corpos mortos das irmãs sem egoísmo que estiveram enterrando suas habilidades e sacrificando suas ambições para a grande glória do Feminismo. Produtividade parece ser o maior crime – mas se você tiver o azar de ser conhecida e articulada, você também é acusada de ser poderosamente maligna, elitista, fascista, e finalmente o pior epíteto de tudo: identificada com os homens. Aaaarrggg!"*

Enquanto eu a ouvia, um grande sentimento de alívio tomou conta de mim. Era minha

experiência que ela estava descrevendo. Se eu estava louca, ao menos eu não era a única. Nossa conversa continuou até tarde. Quando fomos embora, nos apelidamos sarcasticamente de “refugiadas feministas” e concordamos em nos encontrar outra vez. Nunca o fizemos. Ao invés disso cada uma de nós voltou pra seu próprio isolamento, e lidou com o problema apenas no nível pessoal. O resultado foi que a maior parte das mulheres no encontro terminaram caindo fora como eu tinha feito. Duas terminaram no hospital por colapsos nervosos. Embora todas seguiram como feministas dedicadas, nenhuma realmente contribuiu com seus talentos para o Movimento como elas poderiam ter feito. Embora nós nunca tenhamos nos encontrado novamente, nossos números cresciam enquanto que a doença da auto-destruição lentamente engolia o Movimento.

Ao longo dos anos eu conversei com muitas mulheres que sofreram detonação. Como um câncer, os ataques se espalharam desde aquelas que tinham reputações para aquelas que eram apenas fortes; daquelas que eram ativas para aquelas que meramente tinham ideias; daquelas que se destacavam como indivíduos para aquelas que falhavam em se conformar rapidamente com as voltas e reviravoltas da mudança de linha do momento. A cada nova história, crescia minha convicção de que a detonação não era um problema individual trazido por ações individuais; tampouco era o resultado de conflitos políticos entre aquelas que diferiam em ideias. Era uma doença social.

A doença foi ignorada por tanto tempo porque é frequentemente mascarada sob a *retórica da sororidade*. Em meu próprio caso, a ética da sororidade impediu o reconhecimento do meu ostracismo. Os novos valores do Movimento disseram que toda mulher era uma irmã, toda mulher era aceitável. Eu claramente não era. Ainda assim ninguém podia admitir que eu não era aceitável sem admitir que elas não estavam sendo irmãs. Era mais fácil negar a realidade da minha não-aceptabilidade. Com outras detonações, a sororidade tem sido usada como uma faca ao invés de cobertura. Um modelo vago de comportamento sororário é estabelecido por meio de julgadoras anônimas que então condenam aquelas que não alcançam suas exigências. Enquanto esse ideal for vago e utópico, ele nunca poderá ser atingido. Mas ele pode ser alterado com as circunstâncias para excluir aquelas que não são desejáveis como irmãs. Assim sendo, a memorável máxima de Ti-Grace Atkinson que dizia “*a sororidade é poderosa: ela assassina irmãs*” é reafirmada.

A detonação não é apenas destrutiva para as indivíduos envolvidas: serve como uma ferramenta realmente poderosa de controle social. As qualidades e estilos que são atacados se tornam exemplos para outras mulheres aprenderem a não seguir – para que o mesmo destino não as afete. Isso não é uma característica peculiar do Movimento de Mulheres, ou mesmo das mulheres. O uso de pressões sociais para induzir a adequação e intolerância às individualidades é endêmica na sociedade norte-americana. A questão relevante não é por que o Movimento exerce



forte pressão para a adequação a um padrão rígido, mas qual é esse padrão ao qual as mulheres são pressionadas.

Este padrão é transvestido pela retórica da revolução e do feminismo. Mas, por baixo dele, há algumas ideias tradicionais de papéis apropriados que as mulheres devem seguir. Eu observei que dois tipos diferentes de mulheres sofrem detonação. O primeiro é aquela descrita por Anselma Dell'Olio — a mulher com realizações e/ou assertiva, aquela a quem o epíteto “homem-identificada” é comumente aplicado. Esse tipo de mulher que sempre foi posta pra baixo em nossa sociedade pelos epítetos que variam desde “pouco feminina” até “vadia castradora”. A razão principal de ter havido tão poucas “grandes mulheres ... [que realizaram algo]” não é meramente que a grandeza tenha sido não-desenvolvida ou não-reconhecida, mas de que mulheres que exibem potencial para realizações são punidas por ambos homens e mulheres. O “medo do sucesso” é bastante racional quando se sabe que a consequência do sucesso pode ser a hostilidade e críticas.

Não apenas o Movimento falhou em superar essa socialização tradicional, mas algumas mulheres levaram isso a novos extremos. Fazer algo significativo, ser reconhecida, alcançar realizações, implica que se está “fazendo fama em cima da opressão das mulheres” ou que se considera melhor que outras mulheres. Embora poucas mulheres pensem isso, muitas permanecem em silêncio enquanto

as outras vão mostrando suas garras. A luta por 'ausência de liderança' que o Movimento tanto valoriza se torna mais frequentemente uma forma de destruir aquelas mulheres que mostram qualidades de liderança, do que desenvolver tais qualidades naquelas que não as possuem. Muitas mulheres que tentaram compartilhar seus conhecimentos foram detonadas por afirmarem que elas sabem algo que as outras não sabem. O culto do Movimento ao igualitarismo é tão forte que se confundiu com o culto à mesmice. Mulheres que nos lembravam que não somos todas as mesmas foram detonadas porque sua diferença é interpretada como uma afirmação de que não somos todas iguais.

Consequentemente o Movimento exige demandas erradas daquelas que se destacaram dentro dele. Pede por culpa e arrependimento ao invés de reconhecimento e responsabilidade. Mulheres que se beneficiaram pessoalmente da existência do Movimento devem a ele de fato mais do que gratidão. Mas este débito não pode ser pago por meio de detonação. A detonação apenas desencoraja outras mulheres de tentarem romper com seus grilhões tradicionais.

O outro tipo de mulher comumente destruída é o tipo que eu jamais suspeitaria. Os valores do Movimento favorecem mulheres que são solidárias e comedidas; aquelas que estão constantemente atendendo aos problemas pessoais alheios; a mulher que desempenha bem um papel maternal. Ainda assim um número surpreendente de tais mulheres já tiveram suas reputações detonadas.

Ironicamente, justamente sua habilidade de desempenhar esse papel é ressentido e cria uma imagem de poder que suas colegas consideram ameaçadora. Algumas mulheres mais velhas conscientemente rejeitam o papel maternal, porém, espera-se que o desempenhem porque se encaixariam nele – e são detonadas caso rejeitem. Outras mulheres que voluntariamente desempenham esse papel geram expectativas de gênero que elas eventualmente não poderão atender. Ninguém pode ser 'tudo para todas', então quando estas mulheres se encontram tendo que dizer 'não' de modo a conservar um pouco do seu próprio tempo e energia para si mesmas ou para cuidar da questão política do grupo, são percebidas como rejeitadoras e tratadas com raiva. Verdadeiras mães claramente podem suportar alguma raiva de suas crianças porque elas mantêm um certo grau de controle físico e financeiro sobre elas. Mesmo mães nas profissões de 'cuidado' ocupando papéis de mães substitutas possuem recursos com os quais controlar a raiva de seus clientes. Mas quando uma é uma 'mãe' para as suas colegas, isto já não é possível. Se as demandas estão fora da realidade, ou se recua, ou é se detonada.

A detonação de ambas as categorias possui raízes em comum nos papéis tradicionais. Entre mulheres existem dois papéis percebidos como permissíveis: a 'ajudante' e a 'ajudada'. Maior parte das mulheres são treinadas para atuar a um ou a outro em momentos distintos. Apesar dos grupos de auto-reflexão e de uma intensa

análise de nossa própria socialização, muitas de nós ainda não nos livramos de desempenhar esses papéis, ou da nossa expectativa de que outras os desempenhem. Aquelas que desviam desses papéis – as bem sucedidas – são punidas por isso, assim como aquelas que falham em atender as expectativas do grupo.

Embora somente algumas poucas mulheres atualmente se engajem em detonação, a culpa por permitir a persistência dessa prática recai sobre todas nós. Uma vez sob ataque, há muito pouco que uma mulher possa fazer para se defender porque ela estará, por definição, sempre errada. Mas há muita coisa que aquelas que estão assistindo podem fazer para prevenir aquela de ser isolada e posteriormente detonada. Detonação apenas funciona bem quando suas vítimas estão sozinhas, porque a essência da detonação é isolar uma pessoa e atribuir os problemas do grupo à ela. O apoio coletivo quebra essa fachada e priva as detonadoras da sua audiência. Transforma um massacre em uma luta. Muitos ataques foram prevenidos pela recusa de uma colega de se silenciarem por medo de que poderiam ser as próximas. Outras atacantes foram forçadas a clarificar suas queixas até o ponto em que as acusações puderam ser tratadas de forma racional.

Há, é claro, uma linha tênue entre a detonação e a luta política, entre o assassinato de caráter e objeções legítimas a comportamento indesejável. Discernir as diferenças requer esforço. Aqui se seguem alguns indicadores. Detonação envolve forte uso do verbo “ser” e pouco uso do verbo “fazer”. O que é o objeto é o que se é e não o que se faz, e essas objeções

não podem ser facilmente expressas em termos de comportamentos específicos indesejáveis. Detonadoras também tendem a usar substantivos e adjetivos de um leque vago e geral para expressar suas objeções a uma pessoa particular. Estes termos carregam uma conotação negativa, mas não te dizem realmente o que está errado. Isso é deixado para sua imaginação. Aquelas que sofrem detonação não podem nunca fazer algo bom. Porque elas são más, seus motivos são maus, e portanto suas ações são sempre más. Não há correção para erros passados, porque estes são percebidos como sintomas e não como equívocos.

A prova de fogo, porém, vem quando alguém tenta defender a pessoa sob ataque, especialmente quando ela não está mais ali. Se tal defesa é tomada a sério, e alguma preocupação é expressada de que se escute todos os lados e juntar todas evidências, provavelmente não está ocorrendo detonação. Mas se sua defesa é desmerecida com um “Como você pode defender ela?”; se você se tornar amaldiçoada pela suspeita de tentar tal defesa; se ela em fato é indefensável, você deve tomar um olhar mais próximo àquelas fazendo as acusações. Há mais coisa ocorrendo que um simples desacordo.

Enquanto a detonação se tornava mais prevalente, eu me intrigava ainda mais pelo porquê disso. O que há com o Movimento de Mulheres que apoia e até mesmo incentiva a auto-destruição? Como podemos, por um lado, falar sobre

encorajar as mulheres a desenvolver suas próprias potencialidades individuais e, por outro, esmagar aquelas entre nós que fazem exatamente isso? Por que condenamos nossa sociedade machista pelo dano que causa às mulheres, e então condenamos aquelas mulheres que não parecem severamente destruídas por ela? Por que a prática de conscientização não nos conscientizou sobre a detonação?

A resposta óbvia é a raiz da nossa opressão enquanto mulheres e do auto-flagelação grupal que resulta em sermos criadas para acreditarmos que mulheres não são merecedoras de muita coisa. Ainda assim tal resposta é muito fácil; esconde o fato de que detonação não ocorre randomicamente. Nem todas as mulheres ou organizações de mulheres o fazem, ao menos não na mesma medida. A detonação é muito mais predominante entre aquelas que se consideram radicais que entre aquelas que não; muito mais entre aquelas que enfatizam mudanças pessoais que entre aquelas que enfatizam mudanças institucionais; entre aquelas que não podem ver vitórias que não sejam a da revolução que entre aquelas que conseguem se satisfazer com sucessos mais graduais; e muito mais entre aquelas em grupos com objetivos vagos que aquelas em grupos com objetivos mais concretos. Eu duvido que haja uma explicação única para a detonação; é mais provável que se deva a combinações de circunstâncias que nem sempre são visíveis mesmo para quem a vive. Mas a partir das histórias que eu escutei e dos grupos que eu observei, o que me impressionou mais é o quanto a detonação é tradicional. Não há nada de novo no desencorajamento das

mulheres a agirem for a do esperado com o uso de manipulação psicológica. Esta é uma das coisas que vem rebaixando mulheres por anos; é algo do qual o feminismo deveria nos liberar. Ainda assim, ao invés de uma cultura alternativa com valores alternativos, nós criamos meios alternativos de reforçar os valores e cultura tradicionais. Apenas o nome mudou; os resultados são os mesmos.

Embora as táticas sejam tradicionais, a virulência não é. Eu nunca vi mulheres se enfurecerem tanto com outras mulheres como elas ficam no Movimento. Em parte, isso ocorre porque nossas expectativas sobre outras feministas e sobre o Movimento em geral são muito altas e, portanto, difíceis de alcançar. Não aprendemos ainda a sermos realistas em nossas demandas sobre nossas irmãs e sobre nós mesmas. Ocorre também porque outras feministas estão disponíveis como alvos para a raiva.

A raiva é um resultado lógico da opressão e ela demanda um escape. Como a maior parte das mulheres são cercadas por homens a quem elas aprenderam que não é esperto atacar, sua fúria muitas vezes é sufocada internamente. O Movimento está ensinando as mulheres a pararem este processo, mas em muitos casos não pode prover alvos alternativos. Enquanto os homens estão distantes, e o "sistema" é muito grande e vago, a 'irmã' está perto e ao alcance. Atacar outras feministas é mais fácil e os resultados podem ser mais rapidamente visíveis do que atacar

instituições sociais amorfas. Pessoas são feridas; elas vão embora. Pode-se sentir uma sensação de poder por se ter feito 'alguma coisa'. A mudança de uma sociedade inteira é um processo bastante lento e frustrante no qual os ganhos são graduais, as recompensas são difusas e os retrocessos são frequentes. Não é uma coincidência que a detonação ocorra mais frequente e mais violentamente por aquelas feministas que vêem pouco valor em mudanças pequenas e impessoais e que muitas vezes se encontram inaptas a agir contra instituições específicas.

A ênfase do Movimento no "o pessoal é político" tornou mais fácil a ocorrência da detonação. Começamos por derivar algumas de nossas ideias políticas de nossas análises de nossas vidas pessoais. Isto legitimou, para muitas, a ideia de que o Movimento poderia nos dizer que tipo de pessoa deveríamos ser, e por extensão que tipo de personalidades deveríamos ter. Como não foram traçados limites para tais exigências, foi mais difícil impedir abusos. Muitos grupos buscam remodelar as vidas e as mentes de suas membras, e alguns destruíram aquelas que resistiram. A detonação é também uma maneira de extravasar a competitividade que permeia nossa sociedade, mas de uma maneira que reflete os sentimentos de incompetência que as detonadoras exibem. Ao invés de se tentar provar que se é melhor que as demais, tenta-se provar que outra pessoa é pior. Isto pode providenciar o mesmo sentido de superioridade que a competição tradicional promove, mas sem os riscos envolvidos. Na melhor hipótese, o objeto da sua ira é sentenciado à vergonha pública, e no pior dos casos a sua posição está segura dentro das

fortalezas da 'justa indignação'. Francamente, se formos ter competição no Movimento, eu prefiro a tradicional. Tal competitividade tem seus custos, mas há também alguns benefícios coletivos com as realizações que as competidoras alcançam enquanto tentam superar as demais. Com a detonação não há beneficiárias. No final todo mundo perde.

Apoiar as mulheres acusadas de subverter o Movimento ou de minar seus grupos requer coragem, pois nos obriga a dar a cara a tapa. Mas os custos coletivos de permitir que a detonação siga tão intensiva e ampla, como temos permitido até então, é enorme. Já perdemos algumas das mentes mais criativas e das ativistas mais dedicadas do Movimento. E o mais importante: desencorajamos muitas feministas a se destacarem por medo de que se o fizessem poderiam ser também destruídas. Não conseguimos fornecer um

ambiente suportivo para que todas desenvolvessem suas potencialidades individuais, ou onde poderíamos reunir forças para as batalhas contra as instituições sexistas que precisamos confrontar cotidianamente. Um movimento que antes extravasava energia, entusiasmo e criatividade terminou atolado na sobrevivência básica – a sobrevivência contra as demais. Não é o momento de pararmos de buscar inimigas entre nós e começarmos a atacar o inimigo real lá fora?

\*\*\*

Retirado de:

<http://www.uic.edu/orgs/cwluherstory/CWLUArchive/trashing.html>

Tradução por hembra e revisão por conori.

# AINDA DETONANDO<sup>1</sup>

por Rebecca Reilly-Cooper

Julho de 2015

*“A sororidade é poderosa. Ela mata. Majoritariamente irmãs.”*  
– Ti-Grace Atkinson

Lembraram-me hoje da existência desse ensaio [*Trashing: o lado sombrio da Sororidade*, Joreen Freeman] publicado pela primeira vez em 1976. A autora, escrevendo do meio da Segunda Onda do ativismo feminista, descreve em detalhes desoladores o dano psicológico a longo prazo infligido nas mulheres, no coração daquele movimento, pelas relações que deveriam justamente nutrí-las, ampará-las e libertá-las. Na primeira vez que encontrei esse ensaio, enquanto estudante da graduação com um vago interesse na história da Segunda Onda mas sem nenhuma experiência direta própria em ativismo feminista, o li com uma certa fascinação perplexa, desconectada e incapaz de compreender como mulheres podiam fazer isso umas com as outras ou o que poderia explicar essas dinâmicas devastadoras. Hoje, tendo testemunhado a última rodada brutal e implacável de racha direcionado a uma amada amiga minha, e tendo sido alvo disso ontem mesmo, a familiaridade disso tudo torna esse texto quase doloroso demais para ser lido de novo.

Há um certo pequeno conforto ao se perceber de que nada disso é novo: que minha geração não é a unicamente doente ou disfuncional, que não somos incomumente incapazes de demonstrar solidariedade e irmandade umas pelas outras e que essas feministas fenomenais, intrépidas e destemidas cujos escritos e ativismo eu admiro tanto, sofreram muito das mesmas tristezas que eu sofro e iriam empatizar com minha dor. Mas

---

1 Originalmente encontramos o texto com o título “*Ainda Rachando*”. O “*rachar alguém*” é a gíria criada nos últimos anos nos movimentos sociais para a situação de ataques políticos a uma pessoa. Mudamos para “detonação” para manter a tradução padronizada nessa edição por nós [N.T. 2ª edição]

isso é acompanhado da tristeza profunda de que quase quarenta anos depois que o artigo de Joreen foi publicado, fizemos tão pouco progresso. Estamos repetindo os mesmos erros de nossas antepassadas. Outra geração de mulheres brilhantes, comprometidas e apaixonadas está se desgastando e sendo morta pelo poder da sororidade.

Todas as tendências que Joreen descreve ainda existem. Ainda detonamos mulheres pela frente e também pelas costas, ostracizamos e denunciemos. Ainda damos falsos relatórios sobre as coisas horríveis que outras mulheres disseram ou fizeram. Ainda interpretamos umas às outras impiedosamente. Ainda temos expectativas ridículas e irrazoáveis umas das outras e usamos isso para justificar a raiva e o abuso onde eles não se justificam. Ainda julgamos umas às outras como culpadas por associação e vemos amizades e relacionamentos como origem de mácula. Ainda nos juntamos para detonar mulheres como nós, usando-as como escudos para desviar a atenção de nós mesmas. Ainda sussurramos secretamente nosso apoio ao alvo da vez mas não falamos publicamente por medo de nos tornarmos a próxima na fila. Ainda mascaramos a brutalidade disso tudo atrás do véu da “crítica legítima”.

Claro que agora temos todo um conjunto de novos meios através dos quais expressamos essas tendências. Nós blogamos. Reblogamos. Twittamos. Retweetamos. Storifycamos. Printamos. Chamamos atenção. Nós nos aglomeramos, mobilizamos nossos seguidores, parodiamos e expomos. A detonação se tornou em tempo real e inescapável. Se você está envolvida no feminismo online nos últimos dois anos, você quase que certamente já experienciou essa onda de pânico, pavor doentio e pulso acelerado quando seu telefone explode e suas notificações se multiplicam, mensagem atrás de mensagem aparecendo para te dizer que ser humano abominável você é. (Desenvolvemos um novo verbo irregular para descrever o que tipicamente acontece no fim dessas aglomerações: eu dou um tempo do Twitter; você desativa a conta por auto-cuidado; ela surta.)

Como Joreen, fico preocupada de lavar nossa roupa suja em público — Entristece-me pensar nos homens rindo de nós enquanto nos assistem a nos gladiar. Somos todas bem versadas nesses estereótipos sexistas de brigas de mulher e mulheres barraqueiras e “vocês não acham que as mulheres são seus piores inimigos?”. Nós sabemos que cada uma desses detonações públicas age em consonância e reforça esses estereótipos.

Mas quero reafirmar o ponto que Joreen apontou em 1976 — nada disso é peculiar ao feminismo. Nada disso é específico das políticas ou das relações das mulheres, e ainda que as pessoas pensem que é, é porque aceitaram esses estereótipos sexistas, e aprenderam a desconsiderar os conflitos entre mulheres como sendo brigas históricas, enquanto tomam os conflitos entre os homens como sendo indicativos de discordâncias políticas substanciais sérias. Muitas dessas tendências são exacerbadas pelo fato de que somos mulheres — nossa socialização feminina geralmente não nos prepara para passar pelos conflitos e discordâncias de forma leve e nossa marginalização política significa que podemos ser inexperientes em organização política comparadas aos homens. (Por outro lado, quando brigamos umas com as outras, nações não entram em guerra). Mas as questões psicológicas e estruturais que causam essas fraturas políticas estão presentes não apenas na política feminista, mas nas políticas de esquerda e progressista em geral.

A nível individual, o que se encontra na esquerda são pessoas que tendem a ser movidas por princípios e convicções e que têm forte comprometimento moral sustentando suas posturas políticas. Portanto as mulheres que são levadas ao feminismo são as que têm princípios políticos firmes e fortes aos quais elas são apaixonadamente comprometidas e que não raramente fazem parte de sua identidade e auto-percepção. Por esse motivo, elas geralmente não estão dispostas a desviar desses princípios para se comprometerem com aqueles com quem elas discordam. Uma vez que princípios políticos são uma questão de convicção moral e identidade pessoal, muitas feministas, e esquerdistas em geral, preferem se afastar do movimento a se desfazerem de seus princípios mesmo que minimamente para cooperarem com pessoas cujos princípios são diferentes dos seus. Essa convicção — junto com um pouco de narcisismo em pequenas doses — resulta em um deslize inevitável em direção a políticas puristas, onde os indivíduos se tornam mais preocupados em manter suas mãos limpas e suas almas livres a realmente efetuarem uma mudança real no mundo com que dizem se importar. E uma vez que sua doutrina se tornou mais uma questão de salvação pessoal do que de teoria política, se torna fácil ver aquelas com quem você discorda não apenas como equivocadas mas também como perversas, más e perigosas. Denúncias e ostracismo são então justificados porque as incrédulas são uma ameaça à pureza da doutrina e à própria identidade e devem ser impedidas.



O que combina com características estruturais da situação em que esquerdistas se encontram — ou seja, o fato de que o sistema é completamente injusto, os problemas são aparentemente intransponíveis e a mudança que se quer fazer no mundo parece profundamente impossível de se realizar, traz desespero e desânimo. A vitória é tão intangível e além do alcance dos esquerdistas, dado que a mudança desejada é nada mais que a completa transformação do panorama político e social. Como feministas, queremos acabar com a violência masculina contra as mulheres, eliminar a exploração do trabalho feminino e abolir as normas opressivas de gênero. Esses objetivos estão muito longe do nosso alcance e as vitórias em geral parecem poucas e distantes umas das outras, então não há muita oportunidade para comemorar assim como não há sentimento de satisfação e gratidão por uma batalha ganha. Mas enquanto não podemos vencer a guerra contra o patriarcado, estamos a uma distância razoável de vencer a batalha contra nossas companheiras. E independente de ganharmos ou não essas batalhas, nós certamente temos algum tipo de resposta: enquanto o patriarcado permanece imóvel diante da nossa fúria, brigar com uma irmã a respeito de alguma discordância pequena é garantia de se conseguir algum tipo de reação. Não surpreende então que desferir socos em nossas irmãs seja uma opção mais gratificante e atraente que continuar a bater desesperada e desapercibidamente em nosso inimigo mútuo.

Assim, o resultado é que aqueles à esquerda são frequentemente levados a brigar e se detonar, ao invés de trabalharem juntos para tentar derrotar seu inimigo comum. Incorporada a essa política progressista está uma justificativa ostensiva de se selecionar um alvo, na forma de um profundo comprometimento com a igualdade e um inerente desprezo pelo poder e pela autoridade. Um dos aspectos mais característicos das ideologias políticas de esquerda é um comprometimento com a igual distribuição de poder e o desmantelamento de hierarquias estabelecidas, e o feminismo não é diferente nesse aspecto — desafiar o poder dos homens sobre as mulheres assim como desafiar as dinâmicas de poder de raça e classe dentro do nosso próprio movimento é essencial ao ativismo feminista. Mas uma implicação desse igualitarismo e rejeição de hierarquia é a suspeita insidiosa de qualquer pessoa que obtenha status ou sucesso fora do movimento e/ou qualquer pessoa na esquerda que consiga alcançar alguma influência política se torna instantaneamente

um alvo válido para a detonação, pois sua influência (ou “plataforma”) é vista como um tipo de privilégio que o movimento se dedica a dismantlar. Para as mulheres, isso é exacerbado pelos estereótipos sexistas a respeito da mulher poderosa: ela é insolente, uma castradora, ela não é feminina e nem fodível.

O desfecho disso tudo é que qualquer mulher que demonstre ter algum talento, ambição e determinação e que tenta conseguir algum poder e influência no que ainda é um mundo de homens pode estar desenhando um alvo em suas próprias costas. Ela é o alvo perfeito para se detonar porque fez o que outras mulheres não conseguiram, e arrumou para si um lugarzinho nesse ambiente dominado por homens. Nada mais pode explicar porque tanta virulência feminista é direcionada ao punhado de mulheres de poder e influência na mídia e na academia, e não aos homens que detêm a estrutura de poder e privilégio. Não importando se ela usa seu poder para ajudar outras mulheres a avançarem. Não importando que ela tenha noção de que a sorte e o privilégio a ajudaram a chegar ao sucesso. A mulher com poder e influência é perfeita para se detonar e será acusada de atropelar os outros em seu caminho em direção ao topo independentemente de isso ser ou não verdade. E ao fazer isso, estamos implicitamente dizendo às mulheres que não é feminista ser bem sucedida, ter poder e influência, mesmo que você possa usar esse poder e influência para avançar causas feministas. A coisa mais feminista que você pode fazer é sentar-se e calar a boca. Mas a consequência disso não é uma ruptura do poder estabelecido. A consequência disso é que homens continuam tendo esse poder.

Não tenho nenhuma solução para isso. Acho que esses aspectos explicam porque movimentos de esquerda em geral tendem a conflitos internos, fratura e dissolução e são parte da razão do porquê a esquerda se despedaça em frangalhos enquanto a direita apenas toca o barco e consolida seu poder. Também penso que enquanto feministas temos o direito de desafiar as relações de poder e hierarquias estabelecidas e de manter nossas teorias e ativismo sob escrutínio e reflexão críticos. Mas quarenta anos depois de nossas antepassadas feministas escreverem pela primeira vez a respeito disso, estamos ainda nos despedaçando e enquanto isso nosso inimigo comum se regozija. Mulheres inteligentes, gentis e compassivas estão se ferindo nessa guerra e vamos perder nossas brilhantes e melhores vozes enquanto muito poucas mulheres têm

estômago para essa infinita e implacável detonação e o assassinato de reputação daquelas a seu próprio lado.

Como Joreen, experienciei isso por tempo suficiente para que me prejudicasse psicologicamente, me ferisse enquanto pessoa e minasse minhas capacidades enquanto feminista. Independente de isso ser comum, eu não sei, mas fui alvo por vezes o suficiente no passado de modo que isso me dói menos quando é direcionado a mim pessoalmente. O que realmente me aflige agora e me faz verter lágrimas de raiva e frustração, é ver isso acontecendo com mulheres que amo. Não estou escrevendo para buscar simpatia e compaixão. Nem quero terminar esse texto com uma chamada banal e simplista por solidariedade e coesão em nosso movimento fraturado. Minha aposta é que ou você se atrai por esse tipo de idéia ou não se atrai; se não se atrai, nenhuma blogagem angustiada e desanimada vai te fazer mudar de idéia. Quero acreditar que, apesar de nossas muitas diferenças e da multiplicidade de experiências que trazemos para a discussão, há comunalidade suficiente entre as mulheres para nos tornar um movimento de classe politicamente coeso capaz de trabalhar em conjunto e formar uma comunidade entre nós.

Se você não se sente assim a meu respeito, respeito seu direito de se organizar sem mim e te desejo o melhor. De minha parte faço aqui as seguintes promessas: Não participarei de detonações, não importa o quão pouco eu goste da mulher em questão ou o quanto eu discorde de suas políticas. Assumirei que outras mulheres agem de boa fé e interpretarei suas posições de forma caridosa. Celebrarei quando uma mulher alcançar sucesso de qualquer tipo — e se eu realmente não conseguir comemorar, guardarei meu desapontamento para mim mesma. Colocarei o bem estar das mulheres e o progresso de nossos objetivos comuns acima da minha pureza pessoal. Imagino que esse post me tornará impopular. Que minha detonação comece!

\*\*\*

(Texto publicado originalmente no blog More Radical With Age. Tradução retitada do blog <http://radfem.info/ainda-rachando/> e revisão por Heretika edições lésbicas independentes).

# SEGREDOS, CHANTAGEMS E RUMORES...

## OS PRECONCEITOS<sup>1</sup>

**Margarita Pisano**

Os preconceitos são território das culturas essencialistas, baseadas nas ideias inamovíveis do domínio e da superioridade. Se herdamos de geração em geração e se instalamos, falseando a História.

Os preconceitos são juízos envasados, estabelecidos por esta machocultura. Sua função é não nos permitir pensar nem elaborar ideias próprias e nos apartar de nossas capacidades de liberdade.

Os preconceitos são leis implícitas de fronteiras obscuras, difíceis de detectar; linhas de fogo intransitáveis nas quais se dispara a quem queira sair-se do sistema para mantê-lo inerte e 'crente' em seus costumes e idéias.

O sistema trama com os preconceitos sua teia de aranha, atrapalhando as possibilidades reais de construir uma civilização outra<sup>1</sup>.

A cultura vigente conta com um 'aparato de propaganda': museus, bibliotecas, igrejas, monumentos, ruínas, ciências, cultura... "Consuma masculinidade-feminilidade!".

Os preconceitos se aninham no ódio histórico contra as mulheres (misoginia).

Os segredos, chantagens\* e rumores estão baseados nos preconceitos, aninhados no sentido comum instalado de todas as pessoas e seu 'orgulho'.

Os segredos, chantagens e rumores se temem, porque te difamam, te deixam no ostracismo... te suicidam. Sem existência prévia dos preconceitos não seria possível a chantagem nem o rumor. Os preconceitos são chantagens sociais que 'servem' aos poderosos e seus interesses (com nomes e sobrenomes).

Os grupos de privilegiados formam as instituições como mecanismos de poder para manter seus privilégios e preconceitos. O resto de seus integrantes são cúmplices e crentes ambiciosos.

---

1 Margarita Pisano é uma autora que utiliza o conceito de "mudança civilizatória" no sentido de criação de outra cultura, de abandono da civilização patriarcal e da cultura masculina como um todo. Porque a autora considera que justamente o que faz do ser humano um ser capaz de romper com tudo isso é sua dimensão cultural, criadora, não reivindicando qualquer primitivismo para a saída desse 'projeto civilizatório fracassado' que é o Patriarcado. A autora especialmente não acredita em um 'retorno ao passado' mítico e romântico pré-patriarcado, acredita que o importante é 'fantasiar um futuro', que é o título de sua última obra antes de falecer em 2014. Por mais que utilize o conceito de civilização, considero sua visão conversa bastante com as idéias anti-civ anarquistas (N. T.).

O rumor não possui defesa: é maligno, améptico, e especialmente, pós-moderno.

Tão submergidas estão as pessoas nesta cultura que seus discursos quase não se distinguem entre si. O contorno entre uns e outros se perde: é o preconceito do des-preconceito.

O controle da sexualidade e dos corpos se baseia em silêncios, rumores e chantagens. O preconceito não é somente um problema individual. É sustentado por conjuntos de seres humanos e suas relações de poder.

Preconceitos famosos e algumas intervenções:

“Os pobres são pobres porque são vagabundos”

“Os ricos são ricos porque são trabalhadores, inteligentes e responsáveis”.

“Os do 'norte' – EUA e Europa – são poderosos porque são trabalhadores” (não será por roubar ao terceiro mundo?).

“Os europeus são o ápice da cultura” (um ápice racista, classista, sexista, sadomasoquista? O ápice da arrogância).

“Os mapuches<sup>2</sup> são vagais... todos”.

“As mulheres nos realizamos com a maternidade... todas”.

“Os pais amam a seus filhos/as”.

“Os filhos/as amam a seus pais”.

“Esta sociedade ama as crianças”.

“Os homens são como crianças” (dizem as mulheres).

“O lar é sagrado” (O lar é o primeiro território da violência).

“Temos uma parte masculina e outra feminina”.

“A feminilidade das mulheres é parte de sua natureza”.

“O feminismo é o machismo das mulheres” (o contrário de machismo é mulherismo<sup>3</sup>).

---

2 Etnia indígena do sul do Chile, que possuem larga luta independentista contra o Estado Chileno.

3 Pisano cunha o termo “mulherismo” não no sentido do “mulherismo afrocentrado”, mas como a idéia de que tudo que venha de mulheres é bom ou representativo por ser de uma mulher. Ela diz que não basta biologia para nos unir em afinidade política, pois há mulheres que desempenham papel patriarcal por exemplo ao aceder a governos fascistas como a presidenta de direita do Chile. Como editorial, tampouco cremos que importa discutir se o feminismo é ou não um ‘femismo’ pois tal discussão é meramente anti-feminismo e censura masculina moralista contra sentimentos misândricos nas mulheres, e não tem comparação em termos de poder institucional entre os dois grupos, homens e mulheres, para que mulheres oprimam homens ou sua superioridade se traduza numa supremacia social como é a Masculina hoje. [N.T. 2ª edição]

[...]

Margarita Pisano

Setembro de 2004

---

(\*) Segundo o dicionário de María Moliner, chantagem é um procedimento para conseguir alguma coisa que se quer de uma pessoa, ameaçando ela, particularmente com a difamação, caso não se aceda a aquilo que se deseja.

---

## Comentários entre amigas sobre o texto de Pisano

**“Há duplas e triplas violências neste fenômeno:**

1. Aquelas que aceitam os rumores como verdades e condenam – isolam – maltratam, sem tomar a moléstia de um mínimo de gesto de empatia para perguntar que é que passa realmente. Se bastam com o rumor e destroem.

2. Quem difundem o rumor que escutaram. É uma forma também de violentar, usar, distorcer informação que se refira a outres sem verificá-la ou com prazer concreto por repartí-la.

3. Quem fez correr a roda de violência difamatória fica despreocupada, havendo sujado-marcado à outra pessoa e aprendendo que pode fazê-lo cada vez que quer ferir-destruir impunemente.

Quem padece o rumor, que as vezes tarda em se interar, mas que vive as consequências de imediato, e fica com uma espécie de cicatriz injusta e difícil de apagar.”

**(Patricia Karina Vergara)**

“Prestar ouvidos aos rumores, esta aprendizagem que devemos desaprender. É mais fácil difamar que elogiar, é mais fácil isolar que unir, formar opinião sobre o que não se viveu, enquanto isso se siguem vivendo situações de violência ao redor de separatismos, ser donas de uma 'verdade' que nada tem haver com a construção da sororidade, que nada tem haver com a solução de um problema, se é que existe um problema. O

secretismo e os rumores, são práticas creio desde meu humilde lugar, que se criticam dentro da 'família nuclear' que queremos romper ou isolar dela, mas seguimos reproduzindo no âmbito que dizemos que queremos construir...  
(Pensamento Violeta y Negra)”

“Difamações e comportamentos destrutivos são formas de violência, precisam começar a ser visibilizadas como tais, possuem caráter político. Ostracismo de companheiras, mentiras, exagerações e exposição pública. São difíceis de visibilizar e desmascarar como violência que são, justamente porque aparecem no lugar da vitimização. Quem perpetra essas práticas o faz porque por meio disso se identifica com o poder masculino, se coloca em um lugar de superioridade moral e de juíza das demais. Maltratar eleva a auto-estima de quem não possui um sentido de ser. Se protegem por este meio do que desconhecem e é ameaçador, de sujeitas políticas que possuem singularidade, pensamento crítico ou forte sentido ético...”

(hembrista)



# PODER E AUTOCOMPLACENCIA NO MOVIMENTO DE MULHERES<sup>1</sup>

JOANNA RUSS  
1985



*“Uma mulher forte é uma mulher em cuja cabeça uma voz está repetindo: eu te avisei, garota feia, má, vaca, estridente, bruxa, reclamação ninguém nunca vai te amar novamente porque você não é feminina, porque você não é delicada, porque você não é quieta, porque você não está morta?”*

*- Marge Piercy, “Para Mulheres Fortes”, de “A Lua é Sempre uma Mulher” (Alfred A. Knopf, 1980)*

Mulheres realmente boas, mulheres realmente “legais”, mulheres realmente sororas, são mulheres mortas.

Bom, não. Ninguém espera que, literalmente, milhões de nós caiam

<sup>1</sup> “*Power and Helplessness in the Women’s Movement*” poderia ser traduzido como “Poder e Vulnerabilidade no Movimento de Mulheres”. *Helplessness* poderia ser traduzido também por desamparo ou impotência. Decidi afinal por “Poder e Auto-complacência no movimento de mulheres” porque a idéia da auto-complacência deixa clara a agência que uma pode ter na produção da sua própria miserabilidade, uma condição mais psíquica de auto-imagem do que um fato de que a pessoa o seja, embora possa fugir de se implicar nisso por meio de atribuir isso ao sistema, se desresponsabilizando. (N.T.)



segurando flores em nossos bustos como a Elaine de “Lily Made of Astolat”<sup>21</sup>, e ainda assim eu me pergunto. As mulheres devem supostamente fazer outras pessoas se sentirem bem, devem preencher as necessidades alheias sem ter quaisquer necessidades próprias—esse é o grande Imperativo Feminino. Essa auto-supressão equivale a morte do Eu. Porque exigir tal impossibilidade?

Todos os povos oprimidos devem ser controlados. Como a força deliberada e a coerção econômica são praticadas apenas uma parte do tempo, a Ideologia—ou seja, a voz na cabeça—preenche a lacuna faltante. Quando as pessoas descobrem o seu próprio poder, os governos tremem. Por tanto, além de todas as outras coisas que são feitas para controlar as pessoas, a transformação de suas forças em um tabu é uma delas. Um vasto número de homens pode experimentar algum poder desde que eles gastem-no contra outros homens ou contra as mulheres—uma situação desejável, uma vez que impede homens (e homens e mulheres) de cooperarem uns com os outros, o que seria uma grave ameaça aos poderes constituídos. Por tanto, o Imperativo Masculino é menos severo do que o Feminino.

O Imperativo Masculino significa que homens evitam a ameaça do fracasso, da inadequação e da impotência—onipresente em uma sociedade construída sobre a concorrência e a propriedade privada—por meio do existir *contra* os outros.

Mas o Imperativo Feminino não permite qualquer tipo de auto-ajuda. Nós existimos para os outros.

Mas as mulheres também estão aterrorizadas com a força do sexo feminino, as mulheres julgam o sucesso de outras mulheres como sendo o pior pecado. As mulheres forçam umas as outras a serem “altruístas”, mulheres preferem estar mortas a serem fortes, preferem estar impotentes a estarem felizes.

As mulheres feministas, também.

Se você foi proibida de usar seu poder próprio para seu próprio Eu, você pode desistir do seu poder ou você pode desistir de você mesma. Se você é eficaz, você também deve ser eficaz para os outros, mas nunca para si mesma (ou você seria “egoísta”). Se você tem permissão para sentir e expressar suas necessidades, você não deve poder fazer nada a respeito

disso e poderá tão somente esperar por alguém—um homem, uma instituição, uma mulher forte—para fazer por você.

Isto é, você pode ser ou uma “Mamãe Mágica” ou uma “Irmã Tremula”.

“Mamães Mágicas” são raras e “Irmãs Trêmulas” são comuns. O tabu é tão forte que é mais seguro ser totalmente ineficaz, ou o mais próximo disso quanto seja humanamente possível. Além disso, a eleição para ganhar o status de “Mamãe Mágica” requer alguma realização real e visível, o que, em uma sociedade dominada por homens, é raro.

No entanto, cada grupo feminista contém pelo menos uma “Mamãe Mágica”. Sendo o sucesso inteiramente relativo, qualquer uma pode se elevar ao status de MM. (Se as membras sagazes do grupo, cientes dessa possibilidade, se recusam a fazer ou alcançar qualquer coisa, elas podem ser eleitas por causa de conquistas passadas, ou diferenças cada vez menores em seus comportamentos podem ser consideradas provas de sua elegibilidade ao status de “Mamãe Mágica”.) Como todas nós estamos lutando com o Imperativo Feminino, uma das formas de fazer mulheres combaterem a culpa pelo sucesso é por meio de aceitarem em ser a “Mamãe Mágica” da vez.

MMs se doam aos outros—eternamente.

MMs são totalmente altruístas.

MMs tem tempo e energia infinita.

MMs amam outras mulheres, sempre.

MMs nunca ficam com raiva de outras mulheres.

MMs não dormem.

MMs nunca ficam doentes.

Se as MMs não preenchem os requisitos acima, se sentem horrivelmente, terrivelmente culpadas. MMs sabem que o que fazem nunca é o suficiente.

Como a mãe vitoriana, a Mamãe Mágica paga por sua eficácia por meio de renunciar às suas próprias necessidades. Mas estas, no entanto, não desaparecem. A MM sente culpa por suas realizações, culpa por não fazer mais (na verdade, essa culpa comum feminina por não fazer tudo para todos), e raiva constante da privação, bem como a raiva causada pela culpa presente o tempo todo.

Enquanto isso a “Irmã Trêmula” tem muito com que se enfurecer

também. Tendo evitado a culpa por ser eficaz, ela tem permissão para sentir e expressar suas próprias necessidades, mas ela paga por essas “vantagens” por meio de um desamparo reforçado que requer que alguém preencha suas necessidades por ela, já que ela não tem permissão para fazê-lo sozinha.

O problema é que ninguém pode.

Não importa o quanto de cuidado a IT consiga dos outros, nunca será o suficiente. Porque cuidado é exatamente o que ela não precisa. Isso reforça seu desempoderamento, enquanto que o que ela realmente precisa é de acesso a sua própria eficácia—e isso é algo que ninguém pode dar a outra pessoa.

A “Irmã Trêmula”, insistindo em receber o que ela não precisa e não pode aproveitar, se torna cada vez mais e mais limitada, e mais e mais furiosa. A “Mamãe Mágica”, furiosa com a culpa que lhe é imposta e com os limites que também são impostos, mais cedo ou mais tarde, falha em atender às necessidades da Irmã Tremula. Ela talvez fique doente ou revele alguma falha humana. Ela pode retirar, ou criticar, ou ficar com raiva. Se a sua “MMdade” foi conferida a ela sem seu conhecimento e consentimento, ela talvez não saiba o que se espera dela e pode pecar em ignorância.

A “Irmã Trêmula” pode tolerar as realizações femininas somente quando essas realizações são “altruístas”—isto é, acompanhadas por uma entrega aos outros bastante visível e despojadas de qualquer satisfação—e, lembre-se, é precisamente sua própria eficácia que ela está suprimindo. Agora ela tem a quase insuportável e furiosa experiência de ser (aparentemente) abandonada por alguém que está (aparentemente) aproveitando o mesmo tipo de eficácia que ela fez inacessível para si mesma. A “Mamãe Mágica”, já com raiva dos anos de auto-privação que se mostraram inúteis (já que nada que ela faz satisfaz tanto a IT quando sua própria consciência) tem a quase insuportável e furiosa experiência de ingratidão e reclamação de alguém por quem ela trabalhou tanto e sacrificou “tudo”.

Pior, ela não pode justificar sua raiva, já que o nosso (geralmente falso) pressuposto social de que as pessoas causam seus próprios fracassos acontece, em ambos os casos, de ser verdade. Ao mesmo tempo, ambas sentem que suas raivas são justificáveis, já que—de acordo com o

Imperativo Feminino— a MM está certa em se privar e a IT está certa em ser impotente.

Porque a MM e a IT juntas e você terá o papel feminino convencional. Você também terá detonação<sup>2</sup> (assassinato de reputação).

*A detonação* no movimento feminista sempre aconteceu de “baixo” pra “cima”, direcionado pelas “Irmãs Trêmulas” (isso é, aquelas que já adotaram a posição de IT) em cima das auto-elegidas (ou meramente supostas) MMs. A agenda oculta da detonação é manter-se impotente e fracassar, qualquer que seja a motivação aparente. O pagamento é Ser Boa (embora miserável). O cenário IT/MM baseia-se na atribuição irrealista de enormes quantidades de poder para um lado e atribuições ainda mais irrealistas para o outro. Isso considera que ferir os sentimentos de outra mulher é a pior coisa— a pior coisa realmente— a coisa mais tremendamente horrível— que uma mulher pode fazer. Em mundo onde homens e mulheres são esfomeados/as, baleados/as, agredidos/as, bombardeados/as e estupradas, a suposição acima exige alguma ação, mas como o roteiro MM/IT requer tal coisa, com certeza é feito. (O roteiro também assume que a MM não tem sentimentos ou se ela tem, ferí-los é um ato meritório).

MMs fazem menos mal. Elas podem trabalhar até morrer ou— paralizadas pela culpa— não fazer nada. Ou elas podem encorajar outras MMs a sentir culpa ou elas podem fracassar na tarefa de desencorajar as expectativas das ITs sobre as MMs. Mas desencorajar as expectativas de uma IT sobre uma MM é uma empreitada repleta de riscos, como muitas feministas já devem saber seus custos.

O que fazer?

Ambas as partes precisam ter confiança de que o amor próprio e a auto-afirmação não são ruins. As MMs precisam aprender que sentimentos de culpa não são obrigações políticas objetivas. As ITs precisam aprender que sentir-se intensamente conflituosa sobre poder não tem nada a ver com desamparo objetivo. A MM precisa ser ajudada. A IT precisa não ser ajudada.

Ninguém originalmente toma uma ou outra posição em total livre-arbítrio. O Imperativo Feminino é forçado sobre todas nós. Mas, na vida adulta, e certamente dentro de uma comunidade feminina, uma mulher

que permanece em quaisquer destas posições se torna sua própria prisioneira. As comunidades de mulheres como um bando místico amoroso de fracotes emocionais que se compensam mutuamente por sua bondade e doçura face à dureza que temos que suportar do mundo exterior é uma exata descrição do que caracteriza as subculturas de mulheres de classe média tal como elas existem no patriarcado há séculos sem mudar um detalhe sequer. Isso não é um movimento revolucionário, mas um gueto no qual qualquer uma que tenha conquistas, dinheiro ou poder é colocada como uma “Mamãe Mágica”, cuja função é compensar a todas as outras pelas privações do mundo e seus terrores de eficácia. Isso é impossível. Então a exigência torna-se fazer as outras se sentirem bem o tempo todo, um objetivo especialmente sedutor em tempos de reação política, quando a atividade dirigida externamente, para estrutura social (aparentemente) monolítica não é apenas frustrante, mas assustadoramente perigosa.

Assim, a honestidade se acomoda, não ferir sentimentos é super estimado, o medo e a paralisia geral se estabelecem, e uma por uma cada mulher que ultrapassa a área cada vez mais circunscrita do que é permissível, é detonada. Eventualmente, depois que os demônios do sucesso e da eficácia são banidos, e depois que todas as vilãs femininas que fizeram todas se sentirem miseráveis são banidas ou silenciadas, o que acontece?

O grupo se desintegra.

O Imperativo Feminino foi fielmente servido. O inimigo foi expulso de suas fileiras. O feminismo foi destruído.

Algumas propostas revolucionárias:

- O auto-sacrifício é vil.
- Cultos de martírio (como os em torno de Sylvia Plath), em que se ligam fracasso, morte e a necessidade de aprovação feminina, são abomináveis.
- Qualquer uma que atribua enorme sucesso, dinheiro ou poder para qualquer mulher—certamente qualquer feminista—está sonhando acordada.
- “Apoio incondicional” é uma contradição em termos.
- Há uma distinção crucial entre o pessoal e o político. O primeiro leva ao segundo, mas não de forma automática e sem muito trabalho.
- As mulheres não são iniciantes na arte ou na política, precisamos

recuperar nossas precursoras, não permanecer em uma infância social e auto-imposta.

- A atividade política, pública, é crucial para um movimento político.

- As Demandas pelo “tom” certo nas interações entre mulheres são como aquelas declarações feitas a nós por homens sobre nosso tom, ou seja, “Eu teria escutado vocês mulheres se apenas vocês tivessem falado como damas e não agressivamente”.

A teoria política é crucial para um movimento político. Sou a favor da incorporação da análise de classe ao feminismo (e não vice-versa), mas qualquer maneira de lidar com as relações políticas entre grupos masculinos serve. A menos (como J. Edgar Hoover sobre o comunismo) que você ache que tudo que precisamos saber sobre o patriarcado contemporâneo é que estamos contra ele.

O que torna o cenário MM/IT tão teimoso é a insistência oculta de que uma mulher não pode, e não deve, ser autorizada a utilizar seu poder para seu próprio benefício. Nossa sociedade é tão fundamentada em auto-engrandecimento para homens e auto-humilhação para as mulheres, que falar de amor-próprio aterroriza os homens (para quem, significa admitir a interdependência e a emotividade), enquanto as mulheres só podem esperar que eu estou a recomendar brutalidade e dureza.

Um remédio seria lembrar como Cicely Tyson representou Harriet Tubman na TV (“Uma Mulher chamada Moisés”). Biógrafos são sempre surpreendidos quando as mulheres, assim como Tubman, sacrificam suas vidas pessoais (ou assim os biógrafos assumem) por uma “causa”. Ou seja, eles interpretam tais ações das mulheres pelo viés do Imperativo Feminino. Mas, para ser General, Moisés não fez nenhum tipo de auto-sacrifício vitoriano, não mais do que Cicely Tyson (na minha opinião, a maior intérprete no teatro, incontrolável em um papel convencional superficial) sacrificou algo que ela realmente queria fazer para poder cumprir seu dever interpretando Harriet Tubman. Quando Harriet Tubman disse que Deus queria que ela liderasse seu povo até a liberdade, ela não estava submetendo sua vontade a de outrém, mas arrogando-se a autenticidade e verdade do seu Deus, não se perdendo, mas unindo-se com sua própria dimensão transpessoal. Os telespectadores que viram Tyson dobrar seu queixo para baixo em timidez virginal e sussurrar: “Mamãe e papai, a última coisa que eu quero é fazer com que vocês se preocupem” — e então irromper em fogo, “Mas Deus... —”, sabe que eles

não viram nada remotamente parecido com auto-sacrifício, quer por parte da personagem ou da atriz. Uma ação pode ser difícil, desagradável e perigosa, a salvação dos outros—e heroicamente auto-criativa.

Também não há nada de errado com isso, a menos que você acredite que seres humanos—e especialmente pessoas do sexo feminino—são intrinsecamente maus, ou que somos uma espécie abominável. Insistir que as mulheres desafiem seu próprio medo de eficácia e sua própria culpa por se comportar de forma eficaz, a insistir que ambos se comportem com honestidade e responsabilidade e que com isso arrisquem ferir o sentimento dos outros (o que é dificilmente a pior coisa no mundo) é enfaticamente desobedecer o Imperativo Feminino. É egoísta. Não é fraternal. Não é “legal”.

Mas estou começando a suspeitar, que é um ato feminista.

Eu não tenho, desnecessário dizer, escrito isso por pura preocupação altruísta com a comunidade de mulheres. E eu não posso imaginar isso afetando mulheres tão alheias a seu próprio poder que elas sentem desesperadamente que devem ter uma “Mamãe Mágica” (em algum lugar, de alguma forma) a todo custo, mesmo ao custo de serem miseravelmente impotentes. Mas há muitas mulheres que não se sentem impotentes, e ainda assim se sentem culpadas (a) que todas as outras devam ser, e (b) que não querem arriscar a possibilidade que todas essas pessoas vulneráveis e indefesas possam criar uma cena muito desagradável. (Que grande contradição, isso!).

Eu também me ressinto violentamente de ter sido elevada a um status mitológico depois ter apanhado por isso. E a insistência nos sentimentos de mágoa dessa pessoa e naquela tremenda vulnerabilidade e primorosa fragilidade de todas (o que não previne que algumas delas levantem uma confusão muito desagradável quando não conseguem o que querem). Pessoas lidando com opressão externa não agem dessa forma (pra começo de conversa, elas não tem tempo). A síndrome MM/IT é um sinal da opressão internalizada e uma forma de adicção. Ou seja, uma vez que reforça o Imperativo Feminino, quanto mais você fica, menos você obtêm e mais você precisa. O cenário me parece estar ligado a uma questão de classe, eu suspeito que aqueles que são oprimidos diretamente por fatores econômicos ou por força deliberada não façam isso frequentemente—ou, pelo menos, não alcançam o mesmo nível de

estado febril. No entanto, pode ser que o tipo de serviços providos de mulheres para mulheres (afeição, admiração, cuidado, serviços pessoais) exigem que as mulheres estejam controladas pela ideologia, uma vez que são prestados de forma voluntária, pelo menos em algum grau.

Eu penso que a crença não expressa, não formulada e muito amarga de que o sexismo é real e também está trabalhando aqui, ou seja, a idéia de que as mulheres não podem fazer isto ou aquilo. É essa crença que causa a decepção apaixonadamente raivosa da MM quando o trabalho de uma mulher desconhecida prova-se terrível, e a convicção da IT de que a única forma que muitas mulheres tem de sentir o prazer do sucesso público é que as poucas de nós que (de alguma forma magicamente misteriosa) ganharam acesso ao mundo público da cultura e ação, contem mentiras sobre as conquistas das outras. Tal convicção só aumenta a dor da desaprovação (que todo mundo sente, claro) e a raiva em sua arbitrariedade aparente. Por que a Famosa Mulher B está dizendo tais coisas sobre o trabalho da Desconhecida Mulher A quando a única esperança da Mulher A é que a B seja legal com ela? Explicações como “elitismo”, “identificação com o sexo masculino”, ter se vendido, ou intoxicação com a fama, não explicam nada. Você pode dizer que é o Pecado Original e ficar satisfeita com isso. B está simplesmente sendo malvada, um ato terrível quando todos os acessos para o sucesso estão (supostamente) em suas mãos todo-poderosas.

Há também um problema de ignorância. Aquelas que não têm muito acesso ao mundo público são pouco susceptíveis a terem tido contato com as verdadeiras mulheres machado do patriarcado, ou as verdadeiras Abelhas Rainhas, ou conhecer as condições em que a Mulher Famosa B realmente tem que trabalhar.

Por exemplo, as feministas não têm controle sobre as capas que os editores comerciais põe em seus livros. Às vezes, nem mesmo os editores tem. Controle autoral sobre o próprio texto de um romance de ficção científica não é padrão no comércio e deve ser negociado. Muitas vezes, gera ressentimento. Eu uma vez perdi a venda de uma revista, insistindo que a história permanecesse como eu a havia escrito. (Quantas vendas de livro eu ou outras podem ter perdido, obtendo uma reputação de “ser difícil”, eu não sei). Mesmo quando negociado, o controle do autor sobre o texto equivale a apenas ter poder de veto sobre as mudanças do editor ou da publicação, “para não ser infundadamente



indeferido” (você descobriu essa sozinha). Bons editores não mudam o manuscrito original, mas “bons editores” significa uma minoria nesse campo.

Você sabia que o editor da capa dura de um livro recebe metade de toda a renda de bolso do autor para todo o sempre?

Que uma das mais famosas feministas americanas, que estava bem, teve que contar com a arrecadação de terceiros para pagar seu hospital quando ela ficou doente?

Que outra, internacionalmente conhecida, vive com menos de 9.000 dólares ao ano, em caso de necessidade? Pela agricultura?

Que você pode publicar seis livros em 12 anos, vender 100,000 cópias de alguns deles, e fazer menos de 2.500 dólares por ano, incluindo o dinheiro de resenhas de livros, não-ficção, vendas de contos e vendas externas?

Eu não estou reclamando, mas tentando demolir a ilusão de um enorme poder e sucesso das MM.

Simplesmente não há tal coisa. O que existe é a ilusão estadunidense—ou simplesmente moderna—de que “celebridades” (sejam elas de qualquer minúscula comunidade) desfrutam de vidas reais supridas e prazerosas, e o resto de nós tem—quem, as irreais?—e a insistência no fracasso e na dependência que está por trás de tais atribuições de poder.

Entender que ninguém tem ou pode ter poder, que ele está em você não importa o quão proibida você se sente de exercê-lo, significa desafiar o tabu patriarcal e isso é bem difícil. Significa afirmar seu próprio poder limitado porém real, e significa abandonar a noção exagerada do poder de outras mulheres. Isso significa engajar-se em um confronto público direto com o patriarcado encarnado nos homens e suas instituições, não se concentrando em sua presença simbólica em outros membros da comunidade de mulheres.

Arriscar o fracasso já é ruim o suficiente. Arriscar o sucesso é ainda pior. Afinal, as mulheres foram queimadas vivas por reivindicar um poder que foi, paradoxalmente, não o suficiente para salvá-las. É mais seguro ser fraco, mais seguro ter alguém que seja forte por você e que seja punida por isso em seu lugar.

Acredito que a detonação, longe de ser o simples resultado da inveja, surge de uma profunda ambivalência com relação ao poder. A intensidade do sentimento, o inculcar violento da culpa, o contraste extremo entre onipotência e impotência, a falta de uma queixa consistente<sup>3</sup>, a raiva, a absoluta falta de impessoalidade ou de um sentido de atividade pública, o demandismo total—todos estes ecos na relação mãe-filha em que a terrível verdade oculta não é que nossas mães são fortes, mas que elas são muito fracas. A denúncia, “Você é tão forte e eu sou tão impotente” esconde o muito pior, “eu sou forte o suficiente para que minha força me faça entrar em apuros, e você é muito fraca pra me proteger, caso isso aconteça”.

Para todas as pessoas oprimidas, força e sucesso são dois gumes de uma mesma faca: dolorosamente desejados e muito perigosos. Mas “arriscar vencer” (uma frase de Phyllis Chesler de “Mulheres e loucura”, um livro ao qual eu devo muitas ideias nesse texto) é a única saída para fora da opressão.

Feministas “bem sucedidas” não estão imunes a este terror de poder. Todas as mulheres que eu conheço o sentem. Nós assumimos o risco de qualquer forma. Esse é o único segredo, não um fantasístico, ilusório poder-fama-e-glória que algumas mulheres têm e outras não. Eu recentemente ouvi em uma conversa entre duas Lésbicas, uma das quais estava vivendo abertamente como tal, e uma das quais tinha medo de deixar seu casamento. A casada disse “Eu não posso deixar meu marido porque não sou corajosa, como você”. A outra (que havia deixado seu marido apenas dois anos antes) disse, “Não me venha com isso. Eu estava tão apavorada quando você quando eu deixei meu casamento, mas eu deixei mesmo assim. Foi isso que me fez corajosa.”

A polaridade MM/IT é ilusória. Ambas são posições no mesmo sistema de crença. Ambas estão envolvidas em ritualmente sacrificar a possibilidade de uma mulher ser eficaz em prol de si mesma, não necessitada e ineficaz, não eficaz e altruísta, mas eficaz em prol de si mesma.

É egoísta, cruel e desagradável, e fará com que todas as pessoas num raio de mil quilômetros caiam desmaiadas.

Mas é melhor que estar morta.

## Notas finais

<sup>1</sup> Elaine de Astolat é uma figura das Lendas do Rei Arthur que morre de seu amor não correspondido por Sir Lancelot.

<sup>2</sup> Detonação (*trashing*): assassinato de reputação, linchamento e ostracismo promovido às mulheres que se destacam no meio feminista.

<sup>3</sup> Cruel”, “injusto”, “ternura”, “depois que eu trabalhei tão duro”, não “suave” ou “positivo”, são frases típicas (eu estou fazendo retrospectiva de questões feministas periódicas). A afirmação de que alguém tenha parado de escrever ou publicar como resultado catastrófico também surge. Anos atrás, uma mulher muito jovem (na idade de Ensino Médio) pediu que eu enviasse cópias de todo o meu trabalho e que eu respondesse três páginas de questões para um trabalho que a professora dela havia sugerido. Eu escrevi a ela, explicando que escritoras não tinham tempo para cumprir tais pedidos e encaminhei-a de volta a seu professor, que deveria orientar na sua pesquisa. Sua irmã mais velha, em seguida, me escreveu dizendo que iria me expor na revista Ms (revista feminista norte-americana), que por causa do meu mau comportamento, sua irmã, que tinha a esperança de ser uma escritora, havia desistido de todas as suas ambições.

*Fonte original do ensaio: “[Magic Mommas, Trembling Sisters, Puritans and Perverts: Feminist Essays](#)” (“Mães Mágicas, Irmãs Tremulas, Puritanas & Pervertidas” - The Crossing Press, 1985). Traduzido de [feminist-reprise.org/docs/russmm.htm](http://feminist-reprise.org/docs/russmm.htm). Tradução de M.N. e revisão por Heretika edições lésbicas independentes.*

# CANIBALISMO FEMINISTA

texto por Teici Miranda

Se você tem algum contato com o feminismo atualmente poderá responder: Quantas mulheres se afastaram do feminismo nos últimos tempos? Quantas decidiram desaparecer politicamente? Quantas mulheres foram expostas de modo imaturo e por isso sumiram? Ou quantas escondem suas opiniões por medo de tal exposição? Quantas preferem se preservar psicologicamente? Quantas mulheres vocês conhecem que são silenciadas por medo de exposição? Uma... duas... várias... Por onde anda aquela amiga que estava sempre aqui nos educando politicamente? A prática da exposição está cada vez mais comum, e não adianta argumentar sobre os motivos que tal prática pode ser devastadora, porque sempre aparecerão justificativas para o ato. Sempre há um lado justificado como correto para exposição, e até dois ou mais (Não é raro ver dois "clubinhos" disputando sobre qual deles está mais errado ao expor alguma mulher.)

Em 1969 Ti-Grace Atkinson, questionando sobre sua época e sobre quem era o inimigo do feminismo, perguntou "certamente o inimigo deve ter sido definido em algum momento. Caso contrário, em quem nós estivemos atirando nos últimos dois anos? No ar?"[1]. Pensando no mesmo, refiz esta pergunta nos últimos dias, e não sei por que me surpreendi com a resposta. Durante todo este ano em quem nós atiramos? Em quem, além de nós mesmas? Óbvio, que ao fazer tal crítica não pretendo cair na ideia de uma sororidade que inocenta qualquer mulher de um ato falho. O que acontece é a falta de diálogo, não há leitura da outra pessoa. Não pode haver discordância, pois se houver, não há mais conversa, e sem conversa há a exposição.

Por que não se pode conversar sobre as discordâncias? Por que é difícil discordar sem atacar a outra? Por que sempre que alguém discorda politicamente de outra, rapidamente essa discordância se transforma em algo pessoal? Por que cada vez mais há a divisão entre mil "clubinhos", parecendo um grupo de colegiais (isso na prática da exposição)? E ainda, por que há a cobrança de mulheres politicamente perfeitas? "Mulheres maravilhas" que não podem cometer um erro sequer, seja no presente ou no passado, que já são condenadas ao ostracismo. Estamos em busca da feminista perfeita, que nunca erra? Ou quem sabe uma santa feminista?

Lembram que no passado as mulheres precisavam escrever e se manifestar anonimamente, porque não era permitido tais ações por mulheres? Ou então por medo de represálias? Hoje acontece o mesmo, ou escrevemos anonimamente ou nos calamos. Porque o feminismo virou

lugar de um erro só: errou, está exposta.

Parece que estamos correndo em círculos por não sabermos para onde ir. Mas, por que isso? A resposta, creio eu, se volta para a mesma questão que Atkinson levantou há 47 anos atrás: quem é o inimigo do feminismo? Afinal, sem um inimigo definido a quem iremos atacar? Ao que parece, atacamos a nós mesmas. Nos atacamos porque temos posicionamentos políticos diferentes? Nos atacamos porque não conseguimos argumentar contra posicionamentos contrários aos nossos de forma impessoal. Tudo é carregado para o lado pessoal. É como se certos posicionamentos fossem incriticáveis, ou que, ao questionar um posicionamento, você está questionando a pessoa que se posiciona, até que isso se transforme em uma imensa bola de neve de ofensas pessoais. Até quando vamos nos comer internamente, e deixar o verdadeiro inimigo intocável?

Por isso, penso que o inimigo transfigurado em algo abstrato como "sociedade" ou "estrutura patriarcal" é perigoso. Sem face os ataques são desordenados, confusos e nos perdemos. Estamos perdidas, nos atacando mutuamente e esquecendo do verdadeiro inimigo: o homem. Se houver clareza sobre quem é o verdadeiro inimigo, todos os alvos serão melhor direcionados. Enquanto nos atacamos, o verdadeiro inimigo permanece intacto.

Mas e o que acontece quando atacamos esse inimigo? Isso é conversa de um próximo texto...

---

[1] ATKINSON, Ti-Grace. Radical feminism. New York: The Feminists, 1969.



*"Old Dyles Gainer" by Frances Louvain*

2ª edição  
Agosto de 2018  
São-Paulo/Braşil

# HERETIKA



## EDITORA LESBICA INDEPENDENTE

Editorial sapatão radical, autônomo, autogerido e resistente. Disseminando pensamento lésbico-feminista, separatista, anti-racista, anticapitalista, anarca e ecofeminista. Apostando na difusão de pensamento lésbico rebelde, disponibilizamos traduções e escritos originais desde autoras clássicas às novas pensadoras e escritoras em busca de um espaço de autopublicação coletiva e independente. Pelo resgate de nossa história, palavras, pensamento, literatura, simbólico e memória! Uma iniciativa sororária pelo fortalecimento de comunidades e redes lésbicas radicais, autônomas e anticapitalistas.

### **Contato:**

**[heretika@riseup.net](mailto:heretika@riseup.net)**

**[heresialesbica.noblogs.org](http://heresialesbica.noblogs.org)**





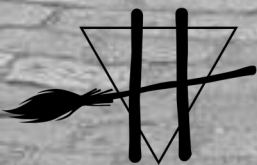
**Copyleft**

Pirateie e Difunda o pensamento rebelde

**Faça seus próprios livros e edições**

Autonomia Lésbika!





HERETIKA

EDITORIA LESBICA INDEPENDENTE